



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

A Perspetiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial acerca da sua Relação com a Família

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano-

Ana Cláudia Silva Prata

Porto, julho de 2019



CATÓLICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

PORTO

A Perspetiva das Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial acerca da sua Relação com a Família

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Cláudia Silva Prata

Trabalho efetuado sob a orientação de

Professora Doutora Mariana Negrão
Professora Doutora Elisa Veiga

Porto, julho de 2019



*“Quando eu era mais pequenina eu era mais feliz do que agora. Ria-me muito. Apesar de chorar, ria-me mais do que chorava. Agora não, muitas vezes choro pelo que passei. Queria ser como aquelas crianças que têm os pais em casa.”
(J7)].*



Agradecimentos

Esta é a etapa final de um percurso de 5 anos cheios de histórias. A cada um de vocês que as partilhou comigo, só tenho a agradecer.

À minha orientadora Prof. Dra. Mariana Negrão, por ser um exemplo para mim, por me guiar pelo melhor caminho, por me fazer ir mais longe e por me proporcionar tantas oportunidades de aprendizagem.

À minha coorientadora Prof. Dra. Elisa Veiga, pela paciência, motivação e conselhos tão úteis em horas tão complicadas.

À universidade que me acolheu, a todos os professores, especialmente à Prof. Lurdes Veríssimo pelo entusiasmo com que sempre me deu aulas, por todo o amor que transmite e por ser tão humana, será sempre uma referência para mim.

Aos meus colegas de curso, que fizeram destes anos uma grande aventura e me acompanharam ao longo desta caminhada.

À Sofia, pela paciência e tempo dispensado, pelos conselhos e motivação constante.

Às melhores amigas que levo, àquelas que sei que hão de continuar comigo pela vida fora. À Bárbara, Bianca, Helena, Isabel e Margarida. Foram vocês que fizeram com que estes anos se tornassem tão ricos e tão importantes!

Aos meus amigos da vida toda: a Mariana, a Margarida e o Tiago, que sempre me acompanharam, sempre me apoiaram e sempre mostraram orgulho em ver-me singrar. Não há palavras para vocês e para o que são para mim!

Ao André, que sempre esteve presente, que sempre puxou por mim, aguentou o meu nervosismo, me motivou, apoiou e forçou a ser melhor.

À minha família, pelo apoio constante, pelas mensagens de amor, pelos abraços e pelos beijos carregados de orgulho. São, sem dúvida, os meus pilares e porto de abrigo.

É graças a todos vocês que eu me tornei naquilo que sou hoje. **Obrigada**

Índice

<i>Lista de Quadros</i>	2
<i>Lista de Anexos</i>	3
<i>Lista de Abreviaturas</i>	4
<i>Resumo</i>	5
<i>Abstract</i>	6
<i>Introdução</i>	7
Relações Familiares.....	7
Necessidades das Crianças e Jovens	8
Famílias multidesafiadas	9
Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial: Impacto e Necessidades	11
A Importância “da Voz” das Crianças e Jovens.....	15
<i>Método</i>	16
Objetivos	16
Participantes	17
Instrumentos	18
Procedimentos	19
□ Recolha de Dados.....	19
□ Tratamento e Análise de Dados	19
<i>Apresentação e Discussão de Resultados</i>	20
<i>Conclusão</i>	32
<i>Referências</i>	35
<i>Anexos</i>	I

Lista de Quadros

Quadro 1 - Caracterização da Amostra	17
---	----

Lista de Anexos

Anexo I - Declaração de Consentimento Informado Jovens	II
Anexo II - Declaração de Consentimento Informado Representante Legal	III
Anexo III - Consentimento Informado Partilha das Fotografias	IV
Anexo IV - Guião da Entrevista	V
Anexo V - Sistema Geral de Categorias em Lista	VII
Anexo VI - Tabela do Sistema Geral de Categorias	IX

Lista de Abreviaturas

AR – Acolhimento Residencial

CAR – Casa de Acolhimento Residencial

CNPDP CJ - Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens em risco

DT – Diretora Técnica

PII – Projeto de Intervenção Individualizado

PSEI – Plano Socio Educativo Individual

Resumo

Em Portugal, o Acolhimento Residencial é a medida de colocação mais expressiva em meio extrafamiliar, objetivando promover o desenvolvimento integral, bem-estar e reintegração sociofamiliar das crianças/jovens, considerando a família como contexto primordial do desenvolvimento. Estas crianças/jovens, pelas suas vivências passadas, apresentam necessidades específicas, sendo que, para lhes responder adequadamente, é impreterível que se valorize a sua participação e se ouça a sua voz.

O presente estudo procurou compreender a perceção das crianças/jovens acolhidas acerca das suas relações familiares e, acerca do envolvimento da família na sua vida. Trata-se de um estudo qualitativo, que utiliza como método de recolha de dados a entrevista semiestruturada, com recurso à foto elicitação. Participaram na investigação nove crianças/jovens de uma Casa de Acolhimento Residencial (CAR) do distrito do Porto.

As principais conclusões demonstram que, apesar de identificados desafios e desejos de mudança face à relação familiar, existe satisfação. Ainda, o envolvimento da família na vida das crianças/jovens e nos assuntos que lhes dizem respeito, apesar de também ser percecionado como satisfatório, implica desafios para a CAR, no que respeita às atividades proporcionadas e, aquando a não resposta dos familiares, no trabalho dos cuidadores, os quais foram referenciados como figuras valorizadas por proporcionam bem-estar.

Palavras Chave: Acolhimento Residencial, Necessidades das Crianças e Jovens, Relação Familiar

Abstract

In Portugal, Residential Care is the method of allocation most expressive in a non-family environment, aiming to promote integral development, well-being and social family reintegration of children/youngsters, considering the family as the main driver for development. These children/youngsters, due to their past experiences, present specific needs, and in order to respond properly to them, it is imperative that their participation is valued, and their voice heard.

The present study sought to understand sheltered children/youngsters' perceptions about their family relationship and family involvement in their own lives. This is a qualitative study that uses as method of data collection the semi-structured interview, with usage of foto elicitation. Nine children/youngsters from a Residential Care Home from Porto, have participated.

The main findings show that, although there are identified challenges and desires to change in the family relationship, there is satisfaction. Moreover, although family involvement in the life of children/youngsters, and in their matters, is perceived to be satisfactory, it implies challenges to the Residential Care Home, in the matters of activities that are offered and, when there is no response from family members, in the work of the caregivers, which are the ones referred as the most valuable figures due to the well-being they provide.

Keywords: Residential Care, Children and Youth Needs, Family Relationship

Introdução

Segundo o relatório CASA [ISS], em 2018 existiam 65838 crianças/jovens em situação de Acolhimento Residencial (AR) generalista em Portugal, caracterizadas por serem mais velhos, complexos e exigentes do que há uns anos atrás, o que significa que são necessárias mudanças no que concerne às intervenções realizadas, por esta população precisar de cuidados particulares e especializados, por desenvolver necessidades específicas (Berrick & Skivenes, 2012). Considerando que, apesar da institucionalização poder ser impactante a diferentes aspetos do desenvolvimento das crianças/jovens, como a nível intelectual, físico, comportamental e socioemocional (MacLean, 2003), se o ambiente em que elas estiverem inseridas for seguro e estimulante, pode existir um desenvolvimento positivo (McLaughlin, Zeanah, Fox & Nelson 2012; Schofield & Beek, 2005).

Para isto, as práticas devem ser adequadas, considerando a história pessoal e idade de cada criança/jovem (Berrick & Skivenes, 2012), perspetivando dar uma resposta àquelas que são as suas necessidades, uma vez que estas são definidas como essenciais para um desenvolvimento saudável.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho visa compreender a perceção das crianças e jovens acolhidas acerca das suas relações familiares, e adicionalmente, compreender a perceção das crianças e jovens acolhidas acerca do envolvimento da família na sua vida e quais as necessidades sentidas, tendo em conta o clima relacional com a CAR.

Consideramos este estudo pertinente, não só em consequência de uma preocupação crescente relacionada com o bem-estar da criança e do jovem e da escassez de estudos a nível nacional, no que diz respeito a esta problemática, mas também devido à valorização da participação e da perspetiva das crianças/jovens nos assuntos que lhe dizem respeito.

Para uma melhor leitura do presente documento, importa referir que este se encontra estruturado pelo enquadramento teórico, método, apresentação e discussão dos resultados e, para terminar, conclusão.

Enquadramento

Relações Familiares

A família é um conceito que se modifica tendo em conta o contexto histórico, as emoções e as ações pessoais e culturais (Pelisoli, Teodoro, & Dell'Aglio, 2007). Define-se como um grupo de pessoas unidas por laços interdependentes e transgeracionais (Doron & Parot, 2001). Considerando-se como o contexto primordial ao funcionamento e desenvolvimento integral

das crianças/jovens (Gomes, 2010). É vista como a instituição social com o vínculo afetivo mais forte que cada um tem (Pacheco, 2010), devendo garantir resposta às necessidades básicas vitais e suporte emocional fundamental ao desenvolvimento, sendo considerado o local onde o indivíduo desenvolve a sua identidade individual (Varanda, 2011; Vitale, 2006).

A família constitui-se como o primeiro sistema com o qual a criança interage e se desenvolve (Bronfenbrenner, 1979). Se olharmos a família através da lente da teoria sistêmica, a família é considerada como um sistema aberto que contém um conjunto de objetivos e é flexível às influências, podendo interagir com outros sistemas (Gimeno, 2001). A família é percebida como um todo, onde as relações se pautam por serem complexas e interdependentes, sendo que certos comportamentos de um elemento são indissociáveis dos restantes membros. Há, no entanto, que ter em conta que cada um possui a sua própria individualidade, daí considerar-se importante que o sistema familiar funcione em equilíbrio (Alarcão, 2006), através da existência de relações estáveis, recíprocas e com papéis equilibrados (Bronfenbrenner, 1979) de forma a que se transmitam valores éticos, morais, culturais (Levy & Jonathan, 2010; Ramos & Nascimento, 2008) afeto, segurança e autonomia (Barbas, 2014).

Basteon (1987) considera que a família está em constante transformação, de forma a que exista uma resposta e adaptação às diferentes necessidades e exigências. Assim, os pais, precisam de competências individuais (para interagir construtivamente com o filho), competências organizacionais (para gerir a vida quotidiana dentro e fora de casa) e de competências de resolução de problemas (para lidar com os desafios) porém, a forma como eles exercem a sua função será influenciada por diversos fatores como situação económica, características do meio envolvente e da família (Bronfenbrenner, 1979; Shonkoff & Philips, 2000). A família, desta forma, deve atender às diferentes circunstâncias, respondendo às alterações internas e externas, proporcionando um esquema de referência para os seus membros e respondendo às suas necessidades (Minuchin, 1990). As necessidades definem-se como um estado de desequilíbrio interno ao organismo, que leva o indivíduo a agir consoante determinados fins, de forma a emendar estas necessidades e de entrar novamente num estado de equilíbrio e bem-estar (Beck, 2004).

Necessidades das Crianças e Jovens

O ambiente em que as crianças/jovens se encontram detém um papel significativo na configuração da forma como as suas necessidades são satisfeitas, sendo que o processo de

satisfação das necessidades é contínuo e, sendo bem-sucedido, origina bem-estar (Deci & Ryan, 2012; Harper & Stone, 2003).

O Modelo de Avaliação das Necessidades trabalhado pelo Department of Health – Department For Education and Employment, Home Office, do Reino Unido (2000) atenta que, para compreender as necessidades das crianças/jovens é essencial considerarem-se três dimensões: as necessidades de desenvolvimento (saúde, competências de autocuidado, desenvolvimento emocional e comportamental, educação, relações familiares e sociais, apresentação social, identidade), a capacidade dos pais ou dos cuidadores para fornecer uma resposta adequada (cuidados básicos, garantir segurança, conforto emocional, estimulação, orientação, limites, estabilidade) e os fatores ambientais e familiares (história e funcionamento familiar, integração social da família, recursos da comunidade, família alargada, emprego, rendimentos, habitação) (Calheiros & Patrício, 2012). Este modelo assume uma perspetiva ecológica, sistémica e desenvolvimentista, pois vê o desenvolvimento do indivíduo como influenciado e influenciador dos contextos em que este se insere.

Steenbakkers, Van Der Steen e Grietens (2018) referem que as necessidades básicas ao nível material, físico, educacional, emocional, de afeto, segurança, de pertença, autoestima e de autorrealização, devem ser asseguradas. As necessidades de desenvolvimento de ligações afetivas e de proximidade, permitem que as crianças/jovens possam explorar com segurança o mundo e se conheçam a si próprios e aos outros (Bowlby, 1982) o que enfatiza a importância das relações significativas na vida das crianças/jovens. Estas promovem segurança e resiliência, atuam como fatores de proteção e facilitam o bem-estar do indivíduo, contribuindo assim para uma adaptação positiva e atenuante dos fatores de risco (Pesce, Assis, Santos & Oliveira, 2004).

Não obstante, devido a diferentes circunstâncias, existem famílias que demonstram dificuldades em desempenhar os seus papéis, por apresentarem padrões de vida caracterizados por práticas parentais desajustadas, comportamentos de violência física, psicológica ou sexual (Borges, 2007; Habigzang & Koller, 2012), possuindo vários elementos do sistema familiar com problemas e instabilidade psicossocial nos sujeitos e subsistemas (Martins, 2004), podendo levar a relações disfuncionais entre os membros e, conseqüentemente, a um impacto negativo no desenvolvimento.

Famílias multidesafiadas

Famílias multidesafiadas, é muitas vezes o termo utilizado para definir estas famílias, considerando porém que não é um conceito simples, sendo que estas não se caracterizam pela

presença de um indício específico, mas através da sua forma de estar e de se relacionar (Alarcão, 2006). Geralmente, são descritas por possuírem um baixo nível socioeconómico, pouca escolaridade ou formação, empregos precários ou estarem desempregados, por apresentarem dificuldades na gestão financeira, por evidenciarem desadequações nas prioridades de vida (Lopes, 2017) e na implementação de regras para com os filhos (Martins, 2004). Segundo Zappe, Yunes e Dell’Aglío (2016), a pobreza pode contribuir para que os pais falhem na execução das suas funções parentais, por dedicarem menos tempo aos filhos, o que se constituirá um fator de risco para o desenvolvimento. Os estilos parentais são, normalmente, autoritários ou permissivos (Melo & Alarcão, 2011), as funções parentais estão debilitadas ao nível da proteção e socialização, o que se pode traduzir numa alteração da autonomia e adaptação social das crianças, pela não transmissão de valores de aceitação e afetivos (Varanda, 2011). Perante estas dificuldades, as famílias tendem ser desorganizadas (Melo & Alarcão, 2011), apresentando crises constantes, exclusão social, negligência ou abandono das funções parentais (Gómez, Muñoz & Haz, 2007). Comumente, as famílias multidesafiadas apresentam conflitos diários e as funções de suporte económico, educacional, relacional ou afetivo não são concretizadas satisfatoriamente devido à inexistência de objetivos definidos e claros (Reis, 2012). A comunicação é descrita como pobre, sendo o discurso vago e pouco assertivo (Gómez, Muñoz & Haz, 2007), existe negatividade e pouca afetividade e empatia (Reis, 2012). Os desafios a que estão expostos possuem longa duração, alienação, baixa autoestima e desamparo (Fuger, McMann & Summers, 1997, citado por Gomes, 2014).

Há que ter em conta que todas as famílias passam por crises de vulnerabilidade, contudo as famílias multidesafiadas são aquelas que terão mais dificuldade em enfrentar as adversidades (Ribeiro & Coutinho, 2008). Todavia, de alguma forma estas famílias são dotadas de competências, uma vez que sobrevivem à quantidade de problemas e crises que as atingem (Varanda, 2011).

Todas as questões complexas e multifatoriais supra descritas condicionam o desenvolvimento de condições necessárias às crianças, expondo-os a situações de perigo ou risco, o que poderá comprometer o seu desenvolvimento (Delgado, 2006; Sampaio, 2011), ameaçando a sua integridade a nível físico ou emocional (Martins, 2004). As crianças/jovens em situação de risco caracterizam-se por estarem num processo de inadaptação ou de conflitos sociais, podendo pôr em risco o seu desenvolvimento físico, afetivo e psíquico (Delgado, 2006). Os fatores de risco podem abarcar influências intra e extrafamiliares, que marcam negativamente as experiências dos indivíduos, empobrecendo o seu desenvolvimento (Dunst,

1995), pois o desenvolvimento de uma criança será resultado das suas interações com os seus familiares e com o meio social envolvente (Zappe, Yunes & Dell’Aglío, 2016).

Segundo a Lei nº147/99 da Proteção de Crianças e Jovens em Perigo (atualizada pela Lei nº 142/2015, pela Lei nº 23/2017 e mais recentemente pela Lei nº26/2018) quando a criança ou jovem (até aos 18 anos) está em situação de perigo é ativada e justificada a necessidade da intervenção do sistema de Promoção e Proteção Português. Com o principal objetivo de promover os direitos e a proteção das crianças e dos jovens em perigo, de forma a que o seu bem-estar e desenvolvimento integral esteja garantido.

As medidas de proteção que podem ser tomadas são as medidas em meio natural de vida e as medidas de acolhimento. As primeiras dizem respeito àquelas que são executadas no contexto onde vive a criança/jovem, preconizando: apoio junto dos pais; apoio junto de outro familiar; confiança a pessoa idónea; e apoio para autonomia de vida. As segundas englobam: acolhimento residencial; acolhimento familiar; e confiança a pessoa selecionada para adoção (Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens - CNPDPCJ, 2018).

Em Portugal, em consequência do esgotamento de formas de intervenção e da consideração da aplicação das outras medidas (Raimão, 2017), o AR é a medida mais procurada e utilizada (Carvalho & Manita, 2010), devendo ser vista como último recurso (Guerra, 2016).

Crianças e Jovens em Acolhimento Residencial: Impacto e Necessidades

Tendo em conta a Lei nº147/99 da Proteção de Crianças e Jovens em Perigo, modificada recentemente, pela Lei nº 26/2018 de 5 de Julho, a medida de AR traduz-se na colocação da criança/jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações, equipamento de acolhimento permanente e uma equipa multidisciplinar, para acolher e garantir resposta aos cuidados e necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais, promovendo condições que permitam o desenvolvimento integral, o seu bem-estar e a sua reintegração sociofamiliar , tendo em conta os seus direitos.

Segundo os dados publicados no último relatório CASA elaborado pelo Instituto da Segurança Social [ISS] (2018) em 2017, encontravam-se em situação de AR generalista 6583 criança/jovem, o que corresponde a 87% das crianças/jovens caracterizados em Portugal, existindo maior percentagem de rapazes (52%; 3396) do que de raparigas (48%; 3187). O grupo de maior prevalência são os jovens adolescentes ou no início da fase adulta (71%) entre a faixa etária dos 15-17 anos (2341). Estas crianças/jovens, caracterizam-se maioritariamente

por apresentarem problemas de comportamento (1761) destacando-se problemas de oposição (ISS, 2018). É ainda referido neste relatório que as situações que levaram ao acolhimento passam pela negligência, seguido de outras situações, situações de maus tratos psicológicos, maus tratos físicos e, por fim, abusos sexuais.

Há que considerar que cada criança/jovem experimentará de forma individual o acolhimento (Machado, Scott & Siqueira, 2016), não obstante, vários estudos afirmam que, tendo em conta a idade, o afastamento da família pode causar consequências irreversíveis e que a institucionalização apesar de ser um processo ponderado, deixa marcas emocionais profundas que podem interferir com o desenvolvimento saudável das crianças/jovens (Carneiro, 2013), podendo estes viver em sofrimento, sentirem-se rejeitados e/ou frustrados (Zeanah, Smyke, Koga & Carlson, 2005).

As mudanças físicas, ecológicas e relacionais, inerentes a esta medida poderão ser sentidas como perdas, rejeições ou abandonos, originando sentimentos de culpa e menos valia, o que terá como consequência stress e dificuldade na resolução de conflitos (Shechory & Sommerfeld, 2007). O afastamento da família pode ser impactante a diferentes níveis como intelectual, físico, comportamental e socio-emocional (MacLean, 2003). Sendo que muitas das crianças/jovens institucionalizadas demonstram alterações no desenvolvimento social, nomeadamente no que diz respeito à negociação, autonomia, vinculação e, relação com os pares e adultos (Pulum et al., 2012; Tottenham, 2012). Podem apresentar também problemas emocionais e comportamentais como o baixo rendimento escolar, comportamentos de oposição e desviantes, baixo envolvimento social e dificuldade no autocontrolo (Herschell & McNeil, 2005).

Assim, a Casa de Acolhimento Residencial (CAR), deve procurar perceber a história da criança/jovem e da sua família e avaliá-los (a nível social, emocional e psicológico) para uma intervenção mais adequada (Barbas, 2014), a qual deve ser flexível, adaptando-se às especificidades de cada um (Calheiros, Lopes & Patrício, 2012), ter um espaço organizado para o convívio familiar, criar uma rotina diária personalizada, e promover a criação de relações com os adultos cuidadores (Martín, 2012). Deve tentar proporcionar um ambiente familiar, emocionalmente estável, protetor, estruturado, promotor do desenvolvimento e com práticas adequadas (Anglin, 2004; Del Valle & Zurita, 2000; Sánchez, 2008), por forma a responder às necessidades das crianças/jovens (Islam & Fulcher, 2017).

Para Maslow (1970), as necessidades são universais e indispensáveis ao funcionamento e desenvolvimento saudável do indivíduo. Porém, é de referir que para Axford e Little (2004), apesar de universais, a forma como as necessidades são satisfeitas varia conforme o contexto.

Ou seja, existem especificidades (eg.: idade, cultura, modo de vida) que têm influência positiva ou negativa, nas necessidades das crianças/jovens.

Tendo em conta o relatório CASA (ISS, 2018), as necessidades das crianças/jovens em acolhimento exigem cuidados individualizados, abordagens multidisciplinares e, muitas vezes, a utilização de recursos e estratégias adicionais. Estas crianças/jovens têm necessidade de serem cuidadas de forma estável e disponível, uma vez que a maior parte passou por experiências de negligência, maus tratos e falta de cuidados (Teixeira, 2012). Segundo Silva (2012), as CAR conseguem suprimir algumas destas necessidades, como alimentação e a escola, todavia existem dificuldades em dar resposta às necessidades de cariz emocional e relacional (Lopes & Arpini, 2009). Devem existir serviços específicos, flexíveis, multifacetados e diferenciados que se ajustem às características, necessidades e fases de desenvolvimentais das crianças/jovens (McCoy, McMillen & Spitznagel, 2008). Isto terá como consequência uma intervenção mais personalizada, encorajando ao uso de técnicas comprovadamente mais úteis (Axford & Little, 2004), por estar provado que, se o ambiente em que elas estiverem inseridas for seguro e estimulante, pode existir um desenvolvimento positivo (McLaughlin, Zeanah, Fox & Nelson, 2012; Schofield & Beek, 2005), é essencial ter em atenção os interesses das crianças/jovens (Lauz & Borges, 2013) assim, as intervenções devem considerar a história pessoal, devem ser integrais, individualizadas, proactivas e reabilitadoras (Rodrigues, 2018), deve demandar o respeito pela sua identidade, intimidade, atenção individual, privacidade e valorização da participação nos assuntos que lhe dizem respeito (Magalhães, Calheiros & Costa, 2016). Segundo Rodrigues (2018), deve considerar-se a criança/jovem como sujeito possuidor de capacidades e forças, devem promover-se relacionamentos positivos, essencialmente entre educadores e pares, proporcionarem-se ambientes familiares onde existam regras e rotinas, e fomentar-se o envolvimento escolar e a aprendizagem ao longo da vida, apoiando-se necessidades emocionais, mentais e físicas.

Desta forma podemos afirmar que a CAR irá desempenhar um papel fulcral no desenvolvimento da criança/jovem (Anglin, 2004; Del Valle & Zurita, 2000; Sánchez, 2008).

Para ir ao encontro daquele que é um dos grandes objetivos da medida de AR – a reunificação familiar – é de extrema importância que exista uma intervenção com as famílias (Balsells et al., 2013; Brook, McDonald & Yan, 2012) de forma a atender às suas dificuldades e desafios, a compreendê-las e trabalhá-las, para que as crianças/jovens não sejam novamente expostos aos mesmos fatores que originaram a retirada (Lau, Litrownik, Newton & Landsverk, 2003). Assim, o Plano Socio Educativo Individual (PSEI) – plano individual que contem objetivos que consubstanciam necessidades sociais e educativas – de cada

criança/jovem deve conter um Projeto de Intervenção Individualizado (PII), um plano com objetivos específicos, considerando fragilidade e potencialidades de cada família e possíveis estratégias para resolução de problemas (Rodrigues, 2018).

No trabalho com as famílias, a intervenção deve ser especializada e deve privilegiar e promover uma parentalidade positiva, tendo por base a participação dos progenitores e sua corresponsabilização (ISS, 2018), fortalecendo práticas parentais para assegurar oportunidades de preservação familiar (Guerra, 2016; Simões, 2011), e para que o período de permanência na CAR seja apenas aquele necessário para que as adversidades que provocaram a retirada de casa sejam identificadas e trabalhadas (Amado, Ribeiro, Limão & Pacheco, 2003). A manutenção das relações com a família poderá promover um melhor desenvolvimento da criança/jovem na CAR e um impacto menos negativo (Ochotorena & Madariaga, 2001), uma vez que a família com os seus modelos de valores é a referência destas crianças/jovens (Barbas, 2014). Esta intervenção deverá ser contínua e gradual, com o acompanhamento da equipa multidisciplinar da CAR (Siqueira, 2012), de forma a facultar ferramentas suficientes aos pais para que consigam atingir os objetivos e se envolverem no que diz respeito aos cuidados dos filhos (Delgado, 2006). Estas famílias devem colaborar e mostrar-se interessadas, de forma a participarem naquele que será o projeto de vida da criança, (Lopes, 2017).

É de extrema relevância que as equipas das CAR demostrem às famílias que as apoiam e conquistem a sua confiança, identificando situações que são necessárias mudar, de forma a se orientar e potenciar uma intervenção, partindo dos recursos familiares existentes (Lopes, 2017).

Há também que ter em consideração que o êxito da adaptação da criança/jovem aquando a saída da CAR depende igualmente do contexto antecedente à sua institucionalização, da qualidade do acolhimento em si, da transição para a autonomia, e das condições pós institucionais (Mersky & Janczewski, 2013; Stott & Gustavsson, 2010). Tendo em conta a perspetiva ecológica, o desenvolvimento destas crianças/jovens será marcado também pelo relacionamento com outras figuras significativas, tais como os profissionais da CAR ou pares, que poderão proporcionar um desenvolvimento significativo, através de respostas pessoais, afetivas e sociais de qualidade (Mota & Matos, 2010). A manutenção do contacto da criança/jovem com pessoas significativas e o prolongamento físico e ecológico em contextos familiares com regras e padrões conhecidos, são também essenciais ao funcionamento e desenvolvimento (Stott & Gustavsson, 2010). Portanto, é de referir que a CAR pode ser vista

como um ambiente que potencie o desenvolvimento de relações recíprocas e equilibradas no que diz respeito ao afeto e ao poder (Farromba, 2013).

A Importância “da Voz” das Crianças e Jovens

O Sistema de Proteção deve procurar responder às necessidades específicas e às particularidades de cada criança/jovem (Hamalainen, 2016). Segundo a CNPDPCJ, a criança tem o direito à palavra e à participação, de acordo com a sua idade e grau de maturidade, portanto, há que ter em conta a valorização da sua participação e perspectiva nos assuntos que lhe dizem respeito, considerando-os como atores sociais com voz própria (Dahlberg, Moss & Pence, 2003).

Envolver as crianças/jovens nas decisões que os afetam será importante para a sua autoestima e confiança, por lhes permitir serem agentes ativos ao invés de vítimas impotentes perante o mau trato (Hannon, Wood & Bazelgate, 2010). Quando as crianças/jovens sentem que a sua opinião é tão ou mais importante que a das outras pessoas, irão valorizar da mesma forma os pontos de vista de quem ouvem (Tomlinson, 2018).

Assim, é de grande relevância perceber qual é a sua perceção acerca das suas próprias necessidades de forma a trabalhar em intervenções mais específicas e com respostas adequadas, sendo que, elas têm direito a uma voz ativa na avaliação dos contextos onde vivem e devem possuir oportunidade de manifestar as suas opiniões e sugestões de melhoria (McCarthy, 2016; Montserrat, 2014; Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2014).

Ser auxiliado a participar nas decisões que lhes dizem respeito também poderá criar resiliência, preparando as crianças/jovens para ir assumindo o controlo da sua vida (Hannon, Wood & Bazelgate, 2010).

Sendo a sua perspectiva valorizada e a sua participação fomentada, será possível desenvolverem-se estratégias nas CAR adequadas às suas necessidades, garantindo um acolhimento de qualidade (UNGA, 2010) e garantindo o seu direito à participação nos assuntos que lhe dizem respeito, tendo como consequência o seu bem-estar e satisfação (Collins, 2017; Magalhães et al., 2016; McCarthy, 2016). A não participação das crianças /jovens na construção do AR impossibilitará a adequada resposta às suas necessidades sendo que esta identificação é vista como aspeto fulcral para que exista uma evolução nos serviços sociais em que as crianças/jovens em risco estão inseridas (Rodrigues, 2018).

Em Portugal, é muito relevante conhecer as necessidades concretas das crianças/jovens em AR (Rodrigues et al, 2014) uma vez que a literatura é muito escassa. Se não existir uma abordagem clara, definida e sustentada empiricamente, é difícil proporcionar um cuidado

apropriado, consistente e coerente (Tomlinson, 2018). Segundo diversos autores (Delap, 2011; Rodrigues et al., 2014) até agora as crianças/jovens não foram ouvidos de forma suficiente acerca das suas necessidades e qualidade do sistema de AR, o que pode significar que não está a existir uma verdadeira resposta eficaz, tornando este estudo deveras pertinente.

Método

Considerando a importância da participação das crianças/jovens por se traduzirem nos melhores agentes, para transmitir as suas verdadeiras necessidades (Little, Axford & Morpeth, 2004), propomo-nos realizar um estudo exploratório, cujo objetivo é o de conhecer a perspetiva de jovens em AR acerca da sua relação com a família e respetiva perceção de necessidades.

Atendendo aos nossos objetivos, irá ser utilizada uma abordagem metodológica qualitativa, para se perceber de forma mais completa e abrangente as diversas perspetivas acerca do fenómeno em questão, aprofundando a realidade pouco conhecida do indivíduo considerando o significado que lhe atribuem (Creswell, 2014; Corbin & Strauss, 2008). Esta abordagem privilegia várias fontes de dados (entrevistas, fotografias, documentos) localiza a experiência de cada indivíduo e potencia a sua compreensão (Denzin & Lincoln, 2000).

Objetivos

Este estudo possui, fundamentalmente, dois objetivos gerais que ancoram as questões de investigação (QI):

1. Compreender a perceção das crianças e jovens acolhidas acerca das suas **relações familiares.**

Q1: Como descrevem a relação com a família e de que forma são caracterizados os momentos em conjunto?

Q2: De que forma é que a família responde às necessidades sentidas pelas crianças e jovens e quais os desejos de mudança no âmbito desta relação?

2. Compreender a perceção das crianças e jovens acolhidas acerca do **envolvimento da família na sua vida, e quais as necessidades sentidas, tendo em conta o clima relacional com a CAR.**

Q4: Como descrevem a relação da família com a CAR e de que forma percebem o envolvimento da família na sua vida?

Q5: De que forma é que este envolvimento responde às necessidades sentidas pelas crianças e jovens e quais os desejos de mudança?

Participantes

Os participantes, identificados através do contacto privilegiado da investigadora com uma CAR, tornam a nossa amostra intencional. A CAR em questão acolhe 40 crianças/jovens do sexo feminino com idades compreendidas entre os nove e os 24 anos (estando a maioria na faixa etária dos 17 anos) pertencentes à zona periférica do Porto, sendo que os motivos de acolhimento passam por situações de maus tratos e/ou negligência. A CAR conta com uma equipa de profissionais constituída por: diretora técnica (DT); psicóloga, assistente social e educadora social (equipa técnica); 12 auxiliares da ação educativa (equipa educativa); e auxiliar de serviços gerais, cozinheira e duas ajudantes de cozinha (equipa de apoio). Importa referir que esta CAR está organizada em unidades familiares, designadas por grupos, por esta ser uma forma de se tentar criar um ambiente mais familiar (Guerra, 2016).

Para que a recolha de informações fosse o mais rica e relevante possível e, atendendo aos objetivos do estudo, foram considerados os seguintes critérios de inclusão: ter no mínimo 12 anos e no máximo 25 anos, estar em situação de AR há pelo menos 6 meses, aceitar fazer parte deste projeto após esclarecimento informado, e manterem contacto com a família.

Assim, na tabela 1, apresenta-se a caracterização da amostra constituída por 9 jovens, que possuem idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos ($M = 17,3$; $DP = 2,45$), sete jovens frequentam o ensino escolar obrigatório e duas o ensino superior, os seus agregados familiares são, maioritariamente monoparentais, o motivo de origem do acolhimento varia entre negligência e mau trato, e o tempo de permanência entre os 9 meses e os 8 anos. Quanto a perspetivas futuras, tanto se prevê reunificação familiar como autonomização.

Quadro 1 - Caracterização da Amostra

Código	Idade	Escolaridade	Constituição do(s) agregado(s) familiar(es)	Origem do acolhimento	Tempo de permanência na CAR	Perspetiva futura
J1	20	Ensino Superior	Mãe	Mau Trato	3 anos	Autonomização
J2	17	9º ano	Mãe, Pai e Irmãos	Negligência	9 meses	Reunificação Familiar
J3	21	Ensino Superior	Mãe	Mau Trato	6 anos	Autonomização
J4	20	12º ano	Pai e Mãe	Negligência e Mau	8 anos	Autonomização

				Trato		
J5	15	9º ano	Mãe e Irmã	Comportamento de oposição da jovem	2 anos	Reunificação Familiar
J6	16	8º ano	Avós * Tia e Prima	Negligencia	5 anos	Autonomização
J7	14	8º ano	Mãe * Pai	Negligencia	3 anos	Reunificação Familiar
J8	17	8º ano	Mãe * Pai * Irmãos	Negligência	4 anos	Autonomização
J9	16	10º ano	Avó e Pai	Negligência e Mau Trato	4 anos	Reunificação Familiar

* Representam o facto de a jovem conviver com mais do que um agregado familiar

Instrumentos

De forma a responder aos objetivos do estudo, optou-se por utilizar como método de recolha a entrevista semiestruturada, por permitir ao investigador aceder ao ponto de vista do indivíduo (Creswell, 2014).

Face às características particulares desta população, considerou-se pertinente utilizar ainda como método a foto elicitação, que se baseia no uso de fotografias para facilitar o diálogo. Este método possui diversas vantagens, desde logo, o facto de as imagens ativarem elementos mais profundos da consciência, uma vez que as partes do cérebro que acionam a informação verbal são mais recentes que as que processam a informação visual (Harper, 2002). A foto elicitação promove assim um ambiente harmonioso entre o investigador e as crianças/jovens, estimula diálogos mais aprofundados invoca sentimentos, memórias, proporciona espelhar valores de esfera íntima, familiar e coletiva, crenças e significados e possibilita ainda uma maior compreensão do ponto de vista e do mundo social onde o participante se encontra inserido (Epstein, Stevens, McKeever & Baruchel, 2006; Harper, 2002). Segundo diferentes autores esta técnica tem sido cada vez mais utilizada em sociologia, educação e estudos com crianças/jovens, apresentando um crescente número de seguidores (Clarke-Ibanez, 2004; Kaplan, Lewis & Mumba, 2007; Thomson & Gunter, 2008).

A condução da entrevista teve por base um guião de entrevista (anexo IV) que considerou os objetivos formulados e na revisão da literatura, estruturando-se segundo os tópicos: **1) Exploração das Fotografias:** significados; **2) Caracterização da Família de Origem:** caracterização dos contactos; **3) Forma como a Jovem se Relaciona com os Familiares:** no contexto familiar e de que forma a jovem percebe a relação com a família, desejos de mudança; **4) Forma como a Jovem Perceciona o Envolvimento da Família na CAR:** no contexto da CAR, caracterização da relação, percepção do envolvimento, desejos de mudança.

Utilizaram-se maioritariamente questões abertas de forma a possibilitar aos participantes a oportunidade de se expressarem, permitindo uma maior flexibilidade de respostas (Flick, 2005).

Procedimentos

– Recolha de Dados

Procedeu-se a um pedido formal à DT da CAR e, após parecer favorável, agendaram-se as entrevistas com as jovens dispostas a participar, apresentando-lhes os objetivos do estudo e realizando o pedido para que trouxessem para a entrevista fotografias (máximo três) que ilustrassem a forma como se sentem na relação com a sua família.

As entrevistas foram conduzidas por uma única investigadora com relação prévia com as participantes e realizaram-se em locais confortáveis para as jovens onde fosse possível garantir a sua privacidade. Iniciaram-se com a recordação dos objetivos do estudo, esclarecimento de dúvidas, e leitura/assinatura dos consentimentos informados (participação no estudo e partilha das fotografias trazidas – anexo I e III). No caso das jovens menores de idade, foi solicitada a autorização da DT, sua representante legal (anexo II). As entrevistas, gravadas em áudio possuíam duração média de 32 minutos e decorreram entre Abril e Maio de 2019.

Adicionalmente a investigadora recolheu os dados sociodemográficos das participantes – idade, situação escolar, agregado familiar, problemática que esteve na origem do acolhimento, tempo de permanência na casa de acolhimento e o que se perspetiva futuramente – através da consulta do seu Processo Individual.

– Tratamento e Análise de Dados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e, posteriormente, realizou-se a sua leitura flutuante, originando, pela aproximação aos testemunhos recolhidos, o início do processo de codificação através da transformação dos dados brutos em organizados – codificação aberta (Bazeley & Jackson, 2013; Saldaña, 2015).

Adotou-se uma abordagem semi-indutiva, inspirada e orientada pelos princípios da *Grounded Theory*. As categorias consideraram os objetivos do estudo e incorporaram os conteúdos emergentes dos dados, sendo que numa primeira instância, estas se constituíram mais descritivas e próximas dos significados/linguagem das entrevistadas e, enquanto a análise evoluía através da comparação constante, estabeleciam-se relações entre categorias e construíam-se “categorias conceptuais”, por forma a compreender as categorias descritivas

(Rennie, Phillips & Quartaro, 1988). Segundo princípio da teorização, as construções de categorias de nível superior permitem uma leitura teórica dos dados analisados (Machado, 2000). Este processo de análise envolve a complexidade e integração dos dados, relacionando e ligando as diversas categorias (codificação axial), o que implica uma alteração e redefinição da codificação das categorias (Corbin & Strauss, 2008). Este processo foi sendo discutido e refletido com o apoio da equipa de investigação. O *software NVivo*, versão 11 apoiou o tratamento de dados.

Revelou-se também necessária a utilização da estatística descritiva (média e desvio padrão), de modo a caracterizar socio demograficamente a amostra.

Apresentação e Discussão de Resultados

O processo de tratamento dos dados permitiu alcançar um Sistema Geral de Categorias que se encontra nos anexos IV e V, o qual compreende oito categorias e 99 subcategorias.

A apresentação dos resultados e a sua discussão será conduzida a partir das questões de investigação do estudo. Desta forma, serão convocadas categorias e subcategorias pertinentes (identificadas a **bold**) do sistema de categorias e, utilizar-se-ão excertos dos dados para uma melhor sustentação.

Serão enunciados os dados mais frequentemente referidos¹ nas narrativas das jovens. E importa mencionar que se procurou trazer a relevância e diversidade dos testemunhos, enquadrando-os segundo a literatura.

Q1: Como descreve a relação com a família e de que forma são caracterizados os momentos em conjunto?

Para aprofundarmos estes aspetos convocamos as categorias que descrevem quais os momentos em família, atividades desenvolvidas, destas quais as preferidas, perceção acerca da caracterização da relação familiar, da relação com os membros e forma como a jovem percebe a sua identidade.

Ao analisar os dados, percebemos que todas as jovens estão com as famílias aos **fins de semana** [*“estou só nos fins de semana com eles então pronto, gosto de passar tempo com eles”* (J9)] e que as **atividades desenvolvidas** com a família são muito diversificadas, podendo ser divididas em subcategorias de **atividades de lazer** e de **cumprimento de tarefas**

¹ Considerando o número de fontes (número de jovens) e de referências (número de vezes em que determinado assunto é referenciado). Exemplo: (7/12) significa que 7 jovens referiram 12 vezes a mesma ideia.

[“ao sábado arrumo a casa, né? Ao domingo normalmente a minha avó vai jantar lá, ou vamos jantar fora, (...) às vezes fazemos programas no sofá com pipocas e a ver filmes, outras vezes eu fico a estudar (...) às vezes vamos sair ao parque, à praia, ou assim” (J5)]. Aquelas que foram mencionadas como **preferidas** incluem atividades de **interação com os familiares** como o **conversar com a mãe, jantar, jogar com o pai, passar tempo com os elementos mais novos da família, sair ou passear e rir com o pai**: [“é muito bom, quando ele me faz rir, parece que o mundo ... parece um mar de rosas” (J4)].

A **relação familiar** foi caracterizada tanto por **desafios** (7/48) como por **sentimentos positivos** (7/30). Quanto aos **desafios** salienta-se a **desesperança** (4/9) “(...) não sou daquelas pessoas que imaginam uma melhor relação com os pais porque já me habituei de tal forma que sempre que imaginava uma melhor relação com a minha família eles acabavam sempre por destruir e deitar as coisas abaixo. Então prefiro ser direta comigo em vez de pensar nas coisas que poderiam ser melhores ou piores. Porque agora encaro as coisas como elas são” (J5), e a **incerteza** (3/5) “não é algo que seja estável todas as vezes nem instável todas as vezes, nem que seja seguro, nem que seja inseguro. Também não é algo que me faça duvidar do carinho que eles têm por mim, mas também não é algo que eu consiga confirmar (...) até podia dizer que é a estabilidade, mas muitas vezes sinto estável”. Por outro lado, quanto aos **sentimentos positivos** destacam-se o **amor** (4/9) e a **felicidade** (4/5) [“amor porque eu sei que a minha mãe me ama e sou a pessoa que ela gosta mais e sei que ela fazia tudo por mim” (J1)].

Considerando a **caracterização da relação com os membros** da família (mãe, pai, irmãos, avós, tia e prima), as jovens (8) percecionam a relação com a **mãe** tanto por **sentimentos positivos** (5/24) sendo esta um elemento com quem podem partilhar a **felicidade** “eu tou a semana sem elas (mãe e irmã) e quando chega ao fim de semana eu só quero contar tudo o que aconteceu” (J5), como por **desafios** (5/12) como a **inconsistência**: “Ela prometia que vinha e quando chegava o dia não me ligava e acabava por não vir (...) Quando lhe prometo as coisas cumpro, ela nunca cumpria” (J7). Quanto à relação com o **pai**, esta é, para cinco jovens, caracterizada por **desafios** (5/25), tais como a **falta de compreensão** (3/5) [“se for a falar de compreensão e isso, não dá! Eu acho que eles (os pais) não me conseguem compreender” (J4)] e **falta de confiança** (3/3) [“nunca aos meus pais (...) não consigo confiar neles” (J8)]. E, duas jovens referiram **desafios** (2/5) inerentes à relação com a **avó**, por esta **não a ouvir e trair a sua confiança**, “sinto-me magoada porque às vezes nem a minha avó me consegue ouvir e nem é por ela não me conseguir ouvir, é mais por ... por não saber guardar as minhas coisas só nela ... porque ela vai contar a outras pessoas as minhas

coisas” (J2), “*eu conto as coisas, mas eu gosto que ela me compreenda. Eu também não tenho 50 anos, não posso saber tudo na vida*” (J8). Três jovens referiram-se aos **irmãos** como elementos com quem estabelecem uma **relação positiva**, assumindo as mesmas uma postura de **proteção** (2/2) “*vou proteger a minha irmã porque ela é minha irmã, acho que tenho esse dever*” (J7) e de **suporte** (2/3) “*sinto que ele precisa de mim*” (J7).

Percebemos que, no que respeita à sua **identidade**, duas jovens se **identificam** com o **pai** (2/8) ou com o **avó** (2/3) e **mãe** (2/2). E distintamente, outras referem **não se identificam** nem com a **mãe** (2/7) nem com a **irmã** (2/6). Estas jovens percecionam em **si próprias** características **desafiantes** (6/27), tal como a **impulsividade** (3/3) “*sou uma pessoa muito bomba (...) sou muito ... muito impulsiva a falar, falo (...) com 7 pedras na mão*” (J4), “*mesmo que o problema seja de 0% ou de 100% eu vou logo feito furacão*” (J5) e, características **positivas** (5/8), sendo a mais comum a todas o **gostar de ser ouvida** (3/4) “*gosto de ser ouvida, de desabafar com pessoas próximas*” (J7).

Discussão:

Segundo a literatura, é frequente que nestas famílias, apesar dos desafios, os vínculos persistam no tempo apesar dos desafios (Alarcão, 2002) e, é patente a coesão nos laços emocionais entre pais e filhos (Sousa et al, 2007). Embora Fattore, Mason e Watson (2007) refiram que a casa da família é um referencial de bem-estar das crianças/jovens e que os momentos em conjunto se constituem como privilegiados na relação familiar (Neves, 2007), como podemos constatar, são diversos os fatores que acarretam desafios nas relações nestas famílias.

Num estudo de Mortágua (2011), os jovens em AR consideraram os familiares como pouco disponíveis, percebendo as relações familiares como instáveis e inseguras, tal como algumas jovens expressaram. Adicionalmente, na investigação de Gaspar e Matos (2008) as crianças/jovens em AR expressam que não são compreendidas pelos familiares, manifestando sentimentos e vivências negativas acerca de si, tais como a falta autoestima, mau estar, mais sensibilidade à provocação, solidão, stress, tristeza e menos valia, sentindo-se desconfortáveis consigo mesmo e desiludidos com a vida e forma de ser e estar. Estes sentimentos podem ser lidos à luz do que nos referem diferentes autores (e.g.: Carneiro, 2013; Zeanah, et al., 2005), sendo que o afastamento e as trajetórias de vida das famílias podem incutir nas crianças/jovens sofrimento e sentimentos de frustração, pelas marcas emocionais que podem interferir no seu desenvolvimento, o que alias é reportado pelas participantes.

Contudo, num estudo de Siqueira & Dell’Aglio (2006) objetivando conhecer a perceção dos jovens institucionalizados acerca das suas redes de apoio social e afetivo, verificaram que,

de entre os adultos identificados como figuras significativas e fonte de apoio os jovens, referiram os membros da família. Paralelamente, considerando Sousa, Hespana, Rodrigues & Grilo (2007), o subsistema fraterno tende a agrupar-se de forma a se defender contra terceiros e, muitas vezes, os filhos tendem a assumir funções parentais, no caso das nossas participantes, os irmãos constituem-se como elementos significativos de forma mais consistente.

Q2: De que forma é que a família responde às necessidades sentidas pela criança e jovem e quais os desejos de mudança no âmbito desta relação?

Para resposta a esta questão convocámos as categorias relacionadas com a perceção de qualidade, perceção de satisfação, necessidades/desejos de mudança na relação familiar e significados subjacentes. Estas necessidades podem melhor compreendidas através de recordações passadas e desejos futuros do papel parental.

As jovens atribuem aos momentos com a família **significados** positivos como a **aprendizagem, confiança, convívio, distração, diversão, felicidade, importantes, de lazer, participação** e de **partilha** [*“são momentos que me transmitem confiança e onde eu posso partilhar um bocado da minha vida com essas pessoas”* (J6)]. Através das **fotografias** que as jovens trouxeram também foi possível aferir que são atribuídos **significados positivos** (5/17), à forma como **se sentem na relação familiar**. Por exemplo, através da imagem de um **parque de diversões** (denominada de “As Nossas Aventuras”) a jovem exprime que *“muitas vezes brinco com a minha família e eu gosto disso (...) o parque simboliza a diversão e eu gosto de me sentir alegre com a minha família, gosto de sentir que posso brincar com o meu pai e a minha mãe”* (J9). Mas também trazem significados mais **desafiantes** (3/10) como a **tempestade** [*“(…) explosivas, más e isso. Foi a situação que fez com que isso torna-se o meu sentimento por eles”* (J4)].

A maioria das jovens (6/9) avaliam os momentos com a família como **oscilantes** [*“tenho fins de semana bons e tenho fins de semana maus ... quando falamos de coisas do passado correm mal”* (J1), *“tanto está tudo bem como está tudo mal (...) tanto me querem dar todo o amor e carinho como de seguida já não vale a pena dar”* (J6)] e (6/11) apresentam **desejos de mudança** nestes momentos, ao nível da **interação familiar** (3/5) [*“gostava que a minha sobrinha estivesse comigo a semana toda”*(J3)], do estabelecimento de **obrigações** (2/3) [*“na parte por exemplo das regras ... e das tarefas em casa porque não tenho regras nem tarefas em casa. Eu posso sair quando quiser, à hora que eu quiser, voltar quando quiser”* (J1)] e

alterações **físicas/materiais** (2/2) [*“gostava de ter o meu próprio quarto”* (J8)]. Uma jovem não apresenta desejos de mudança.

Apenas três jovens referem estar satisfeitas com as **características da sua relação familiar, normalizando a situação**, percebendo que *“problemas há em todas, não há aquela família que seja perfeita e acredito que a minha família nem seja das que tem problemas mais graves”* (J5) e que *“todas as famílias são diferentes, cada família tem os seus problemas, cada família tem os seus momentos”* (J2), considerando também que *“tenho tudo, e há pessoas que não têm (...) sinto-me com sorte (...) tenho alguém que me dê amor e carinho, e que me dê na cabeça quando necessário”* (J5). Porém, são mencionados pela maioria das jovens (7/33), **necessidades e desejos de mudança** na relação com os membros, sendo a **atenção** a mais referida (4/5) [*“Que ela me desse mais atenção. Que eu sentisse que era verdadeiramente e realmente filha dela. Nunca senti isso”* (J7)], seguida da **compreensão** (3/5) [*“gostava que às vezes tivesse mais compreensão”* (J1)], **carinho** (2/2) [*“preciso do que ele nunca me deu ... carinho”* (J7)], **alteração do comportamento** dos progenitores (2/2) [*“gostava que fosse diferente (...) saber mais comportar-se como com mãe e menos como uma amiga”* (J1)], e criação de **novas experiências positivas** [*“é disso que eu preciso, de atenção de brincadeira (...) experiências e tudo mais”* (J2), *“buscar-me levar a passear, a conhecer sítios novos (...) preciso dele para isso”* (J7)]. De forma a **justificar** estas necessidades e desejos, algumas jovens fizeram **referência ao seu passado** (4/13) e de que forma isso influencia a sua vida atualmente [*“Eu tenho traumas disso, tenho muitos traumas”* (J4), *“Quando eu era mais pequenina eu era mais feliz do que agora (...) Agora não, muitas vezes choro pelo que passei”* (J7)]. Duas jovens expressaram, neste seguimento, **desejos de mudança** no papel da sua **prática parental** futura, afirmando que não iriam ser como as suas mães [*“porque eu faço tudo para que isso não aconteça, eu faço tudo para não ser como ela”* (J4)], o que está ligado à **questão da identidade** expressa na QI anterior [*“a minha mãe não é modelo para mim, nunca foi nem nunca será”* (J7)].

Discussão:

Segundo Ferreira (2013), para os jovens, a relação entre os membros da família é caracterizada pela reciprocidade e afeto. Apesar dos desafios e obstáculos, a família continua a constituir-se como base necessária ao crescimento e desenvolvimento e, mesmo reconhecendo fragilidades e dificuldades na relação e na assunção dos papéis de cada membro, não deixa de ser a sua família (Ferreira, 2013; Moreira, 2018). O estarem inseridos num seio familiar, apesar de maus tratos ou negligência parental, é fator de organização interna e proteção, (Mota & Matos, 2010). Porém, segundo Rodrigo, Máiquez, Correa, Martín

e Rodríguez (2006), os familiares tendem a não cumprir as suas funções parentais, apresentando, frequentemente, modelos parentais empobrecidos, incongruentes e inadequados, o que pode gerar nos filhos sentimentos ambivalentes, também expressos pelas participantes.

Para um desenvolvimento positivo das crianças/jovens, as suas necessidades básicas ao nível material, físico, educacional, emocional, de afeto, segurança, de pertença, autoestima e de autorrealização, devem ser asseguradas (Steenbakkers, Van Der Steen & Grietens, 2018). Efetivamente, segundo o Modelo da Avaliação das Necessidades, (Department of Health, 2000), uma das necessidades das crianças/jovens prendem-se com a capacidade dos pais responderem adequadamente estabelecendo orientações, limites e regras porém, uma das características das famílias multidesafiadas são os estilos parentais permissivos (Melo & Alarcão, 2011) e a dificuldade na implementação de regras (Martins, 2004), constatamos efetivamente esta se traduzir numa necessidade expressa pelas participantes.

Segundo Rodríguez (1998), por forma a compensar uma vivência familiar menos positiva no passado, a jovem mulher cria um excesso de expectativas em relação à maternidade. Podemos também relacionar estes desejos com a construção da identidade, dado que as participantes no estudo se encontram na fase da adolescência, e este é um período em que os indivíduos iniciam a construção da sua história considerando a interpretação das suas experiências anteriores, elaborando estratégias face aos desafios da vida, considerando esta uma preocupação dos jovens em AR, face ao futuro, o que acarreta uma pressão diária na sua vida (Moreno, 2015).

Q3: Como descreve a relação da família com a CAR e de que forma percebe a o envolvimento da família na sua vida?

Para responder a esta questão, convocámos as categorias relacionadas com a perspetiva da jovem acerca da caracterização da relação da sua família com técnicos e educadores da CAR, e de que forma é que a família se encontra envolvida no âmbito da rede social, PII², a nível escolar, saúde e quanto às atividades desenvolvidas pela CAR.

Considerando a relação entre a família e **técnicos** da CAR, as jovens (5/15) percebem que esta relação se pauta por **ser pacífica** (3/4) [*“a relação não é assim muito grande ..., mas sei lá, é pacífica”* (J5)], de **amizade** (3/3) [*“sinto que às vezes ela sente carinho pelas*

² PII (Projeto de Intervenção Individualizado) – Plano individual que contém objetivos que consubstanciam necessidades sociais e educativas de cada criança ou jovem. Devem encontrar-se no PSEI de criança/jovem

peessoas (...) e amizade” (J1)] e como sendo “*uma boa relação*” (J1) (2/2). Por outro lado, três jovens consideram esta relação como **inexistente** [“*é inexistente, nula, não existe*” (J3)]. No que toca à relação entre a família e **educadores** são percecionadas mais **características positivas** (6/14) do que **negativas** (4/5), sendo que quatro jovens a caracterizam como uma **boa relação** [“*é boa mesmo*” (J6)] e três jovens como uma relação de **amizade** [“*acho que são amigos, que se dão bem e isso*” (J9)]. Contrariamente, duas jovens referem que **não existe relação** [“os meus pais não conhecem a C.” (J4)].

Ao nível do envolvimento da família na **rede social** das jovens, estas referiram que os familiares (avós, irmã, mãe, pai e tia) **não conhecem** os amigos (8/12), porém que por vezes, **conhecem** outras jovem da CAR [“*alguns ... mais daqui do lar (...) não da escola*” (J6), “*conhecem pessoas que já andaram aqui no colégio. Agora amigos, amigos, não*” (J4)]. Apenas duas jovens referem que o pai **tem influência** quanto aos amigos [“*o meu pai é “não andes com esse”, “ai de ti se fumas”. É que tipo, quanto mais ele fala nisso mais me apetece fazer*” (J2)], as restantes sete jovens consideram que os familiares apesar de **possuírem opinião, não as influenciam**: “*não ... só diz que ando com quem quiser (...) que ela não tem nada a ver com isso*” (J1), “*A minha mãe não queria (...) sempre fui para lá na mesma*” (J3), “*não, claro que não! Eu não permitia*” (J8).

Quanto ao envolvimento no **PII**, conduzido pelos profissionais da CAR, a maioria das jovens (6) considera que os seus familiares se **envolvem**, duas jovens que referem que **não** e, uma jovem que uns familiares sim e outros não: “*minha mãe e o meu padrasto, eles nem põem cá os pés (...) ou sou eu que vou atrás ou então não tenho nada*” (J8). No que diz respeito ao envolvimento **escolar**, seis jovens referem que **existe envolvimento** dos familiares, porém três indicam que este **passa pela CAR** [“*o meu pai fala sempre com a minha E.E. que é para ir às reuniões da escola e ficar a saber como estou a ir*” (J9)], outras três que **são as próprias que informam** [“*está porque eu conto-lhe, senão não estava (...) quando recebo as notas conto logo à minha mãe*” (J5)]. De notar que as cinco jovens que referem **não existir envolvimento** afirmam ser por **vontade própria** [“*não quero que ela saiba*” (J7), “*de forma nenhuma*” (J8)], por **não se aplicar** [“*da faculdade já não se aplica*” (J3)] ou por **indisponibilidade** [“*não pode vir por causa da bebé e do trabalho*” (J2)]. Quanto ao envolvimento ao nível da **saúde**, três jovens referem que **existe envolvimento**, especialmente no acompanhamento a consultas [“*a minha mãe está muito envolvida na parte da saúde, é ela que vai comigo às consultas às vezes*” (J1)], e uma jovem ressalta que este parte da **sua partilha** [“*quando eu vou para o hospital assim de urgência sou eu que lhe digo,*

ninguém lhe diz” (J5)]. Contrariamente, quatro jovens identificam que a família **não está envolvida** neste âmbito [“*não, o meu pai não sabe nada de consultas*” (J4)].

Considerando as **atividades** desenvolvidas na CAR, três jovens consideram que as famílias **participam** e a maioria (6) considera que não, pelas próprias **não quererem**, pela **disponibilidade** dos pais e por estes não mostrarem **vontade** [“*a minha mãe nunca iria. Não há assim nada ... que a minha mãe viesse*” (J3)].

Discussão:

O AR deve oferecer um modelo familiar contentor e securizante, promotor de uma resposta adequada às necessidades afetivas, emocionais e biopsicossociais da criança ou jovem (Anglin, 2004; Del Valle & Zurita, 2000; Islam & Fulcher, 2017, Sánchez, 2008). Para tal, deve ter em conta o superior interesse das crianças/jovens, definindo um projeto de vida considerando a participação do próprio e da sua família (Gomes, 2010), considerando as suas especificidades e história (Barbas, 2014; Calheiros, Lopes & Patrício, 2011). Os colaboradores detêm um papel fundamental, uma vez que serão os responsáveis por desenvolver uma intervenção com o objetivo de responder às diferentes necessidades identificadas (Fernandes, 2013), atuando de forma abrangente de forma a promover uma relação privilegiada entre as crianças/jovens, a sua rede de suporte social e a família (Duarte, 2004).

O PII considera as idiossincrasias da família, criança e sua história. É de extrema importância fomentar a participação, corresponsabilização e envolvimento das famílias nos vários âmbitos da vida das jovens (ISS, 2018), por poder proporcionar um desenvolvimento mais positivo da criança ou jovem e um impacto menos negativo (Ochotorena & Madariaga, 2001). O envolvimento dos pais tem sido estudado e reflete mais valias em termos comportamentais, por exemplo, como acontece no estudo de Scholte e Van Der Ploeg (2000). Também no estudo de Ferreira (2013) os familiares se mostram envolvidos nas dinâmicas e tarefas da vida dos filhos. Monteiro (2014), considera que o envolvimento e participação dos pais é fundamental para o equilíbrio do desempenho escolar do aluno, sendo que os familiares podem influenciar a aprendizagem dos filhos através de estímulos, condições de estudo, nível socioeconómico e recursos culturais. A escola deve, portanto, potenciar este envolvimento de forma a que estes possam assumir um papel de apoio e suporte, influenciando os filhos na aquisição de conhecimentos e aprendizagem (Monteiro, 2014). Porém, este envolvimento deve, novamente, ser lido valorizando uma perspetiva desenvolvimental e atendendo à faixa etária em que estas jovens se encontram, a adolescência, que assume uma importância particular. Esta fase é caracterizada por mudanças no pensamento, pela construção da

identidade individual e de um sistema ético e de valores (Prates et al., 2018). Existirá, por isso, à partida, uma emancipação da família a diferentes níveis (Prates et al., 2018), sendo esperado que os jovens caminhem para a autonomia e independência emocional (Zimmer-Gembeck, 2002). Num estudo de Dias, Matos e Gonçalves (2007), os jovens referiram que a proibição de certos comportamentos, imposição de regras rígidas e um estilo parental autoritário, poderá promover comportamentos de risco, salientando que a pouca autonomia e falta de confiança pode ter o efeito adverso.

Q4: De que forma é que este envolvimento responde às necessidades sentidas pelas crianças e jovens e quais necessidades ou desejos de mudança?

Para resposta a esta questão convocámos as categorias relacionadas com a perceção de satisfação e/ou necessidades ou desejos de mudança no que diz respeito à relação da família com a CAR, envolvimento familiar no âmbito da rede social, projeto de intervenção, a nível escolar, da saúde e nas atividades desenvolvidas pela CAR.

A maioria das jovens (6/13) consideram-se **satisfeitas** com as relações entre os **familiares e técnicos e educadores**, não só por estas se traduzirem num **apoio e ligação** entre a jovem e a CAR [*“ajuda na nossa relação e é uma ponte entre a casa e o Lar porque como estou nos dois sítios têm de haver alguma ligação”* (J1)], por poderem **originar mudança de comportamento** [*“a minha mãe costuma ouvir o que elas dizem e às vezes tenta mudar depois de elas falarem com ela”* (J1)] e **transmitirem segurança** [*“eles dão-se bem com toda a gente e isso também faz-me sentir segura”* (J9)], como também pela **jovem preferir a inexistência** destas relações [*“é melhor tratarem comigo, não precisam de falar com a minha mãe (...) menos confusão para mim, não vem cá a minha mãe chatear, o lar não liga para casa a perguntar por mim ... por mim é ótimo!”* (J3), *“Porque é muito bom este espaço que existe, entre (...) o meu pai e o colégio (...) aquilo que têm de discutir, é comigo que têm de discutir e não meter terceiros ao barulho”* (J4)]. Quanto às **necessidades ou desejos de mudança** na relação com os **técnicos não existem** referências, porém, na relação da família com **educadores** duas jovens percecionam como **necessidade e desejo de mudança a aproximação da família aos educadores** [*“acho que a minha família se devia aproximar mais, ter mais contacto com a S, porque a S é a principal (...) acho que devia ter mais contacto e conversar mais”* (J2), *“eu gostava que conhecesse a C porque é a pessoa que agora está mais ligada a mim (...) gostava para saberem a pessoa maravilhosa que ela é”* (J4)].

No que toca à **relação dos familiares com os amigos** duas jovens consideram-na como **positiva**, originando uma percepção de **satisfação** [*“eu gosto, assim quando eles vão a minha casa os meus pais gostam de os ter lá e dizem para eles voltarem”* (J9)] e uma como **negativa**: *“eu não queria (...) sei lá, é estranho ... não quero. Não é não querer, é tipo, sei lá. Tenho medo que depois a minha mãe me envergonhe”* (J7). Uma jovem expressa como **necessidade e desejo de mudança** a mãe **conhecer os amigos e ter influência**: *“era importante ela conhecer porque já tive situações em que podia ter tido a minha mãe a dizer “não andes com essa pessoa, porque essa pessoa é má”, e se calhar talvez eu tinha ouvido e não tivessem acontecido coisas que aconteceram (...) Podiam avisar, mas a última opinião era minha, mas era importante avisar”* (J1).

Considerando o envolvimento dos familiares no **PII**, três jovens expressam **satisfação na intervenção realizada**: *“a minha família estava lá reunida para mim, pro meu bem. Sabia que tavam lá pra mim (...) sentia o apoio deles”* (J2). A percepção de **necessidades de intervenção** na relação com os pais mais notória foi a **comunicação** (4/8) [*“aprendermos a falar uma com a outra porque nós não sabemos”* (J1), *“tentarem quando sentirem que tem um problema um com o outro falarem e não tarem a mandar recados”* (J9)], seguida do **fortalecimento da relação** (3/5): *“sessões com a minha mãe para fortalecer a nossa relação, resolver os problemas que tínhamos e aceitar o passado”* (J1). Há, no entanto, que ressaltar que sete jovens referem que **não há nada que possa ser realizado**: *“não cabe à casa, é mais deles (...) já tentaram e eles não quiseram, por isso, não há muito que se possa fazer”* (J1), *“Acho que tem de ser da cabeça deles (...) tentar tomar iniciativas para isso”* (J2), *“não me consegue ajudar na relação com o meu pai (...) ninguém consegue”* (J4).

Ao nível do envolvimento dos familiares no âmbito **escolar**, as jovens (4) percebem este envolvimento **satisfatório** por entenderem que a **CAR é a responsável** [*“quem está a cargo disso é a Dra. L., por isso é uma função da Dra. L, depois passa-me a mensagem do que é que aconteceu e se eu achar que não é muito mau conto à minha mãe”* (J5)] e por **preferirem** que o este **não exista**. Quanto à **saúde** as jovens também se mostram **satisfeitas** por **ser uma escolha** delas a família não se envolver. Apenas duas jovens referem como **necessidade ou desejo de mudança a participação familiar**: *“que ela tentasse participar nas coisas (...) que arranjasse uma estratégia, uma maneira de conseguir ir e conseguir estar presente nessas consultas, porque são coisas que relatam parte da minha vida, que relatam (...) acho que são coisas que compensam ela estar presente (...) acho que devia estar, acho que podia fazer um esforço”* (J2).

Relativamente às **atividades realizadas pela CAR**, existem jovens que se mostram **satisfeitas** (5), tanto por **não gostarem das atividades nem da presença dos pais** nas mesmas [*“acho que fazem muito bem que isto é uma seca. Isto é muito chato”* (J3), *“não gosto de nada disso. É horrível (...) se querem passar tempo juntos, passam”* (J7)], outras **valorizam esta participação**: *“sinto que estou a interagir com eles num espaço que já estou habituada e gosto. Gosto que eles estejam no espaço que eu costumo estar mais vezes, e que conheçam também como é que é estar aqui”* (J9). Neste sentido, são expressos (3/3) como **necessidades e desejos de mudança a participação e envolvimento dos familiares** nas atividades: *“os meus pais conheciam as meninas que convivem comigo todos os dias, passavam a conhecer pessoas com quem eu convivo (...) acho que era importante”* (J2), *“gostava que a minha mãe tivesse mais a par das coisas que acontecem (...) gostava que ela se inteirar-se mais para ver que eu estou bem”* (J5). Desta forma, as jovens (6) propuseram **atividades que consideram importantes** realizar, sendo a mais referida **atividades no exterior** (4) como caminhadas ou piqueniques: *“um dia de atividades de atividades com os pais (...) ao ar livre”* (J9).

Discussão:

Efetivamente, segundo o trabalho de diversos autores, o estabelecimento de uma relação positiva com as famílias é tradutor de um sentimento de satisfação por parte dos jovens (Bravo & Del Valle, 2009; Carvalho & Manita, 2010; Southwell & Fraser, 2010). Por outro lado, há que ter em conta que, habitualmente, segundo Matos e Sousa (2006) emerge uma negativa desresponsabilização dos pais quanto às suas tarefas parentais pela tendência dos técnicos em assumirem essa função, o que vai contra os objetivos de envolvimento e sucessiva responsabilização e capacitação parental. Mais uma vez, a etapa desenvolvimental das participantes pode justificar uma expectativa baixa de envolvimento familiar no PII, que inclui as dimensões da saúde e projeto vocacional da jovem.

São mencionadas na literatura dificuldades na comunicação e interpretação, devido à ausência de metacomunicação (Neves, 2007), à inexistência da reflexão acerca das ações, incongruência verbal e não verbal – igualmente reportadas pelas participantes – originando ambivalência relacional e à inexistência de objetivos familiares (Alarcão, 2002; Gómez, Muñoz & Haz, 2007). Nestas famílias, normalmente, o passado não é utilizado como meio para viver o presente, ou porque é constantemente referido, ou porque existem demasiadas mudanças, impossibilitando o estabelecimento de padrões de comportamento, o que faz com que seja desafiante intervir, pela dificuldade de se prever o que poderá acontecer (Sousa et al., 2007).

Não sendo uma QI previamente formulada no nosso estudo, emergiram ao longo das entrevistas dados que consideramos pertinentes explorar e apresentar, refletindo a abrangência e profundidade do estudo, reforçando a natureza semi-indutiva da análise. Estes dados dizem respeito à forma como a criança/jovem se sente envolvida nos assuntos da CAR e como caracteriza a sua relação com técnicos e educadores, tendo em conta aquelas que são as suas necessidades/desejos de mudança.

A **nível individual**, e considerando esta dimensão fundamental para compreender de que forma as necessidades das crianças/jovens são satisfeitas, todas as jovens expressam estar **envolvidas nos assuntos** da CAR que lhes dizem respeito [“*sim, elas contam-me tudo*” (J5)], porém destas, três consideram que “*nem tudo*” (J5), pois “*depende das pessoas*” (J1) e “*depende também da situação*” (J4). Consideram (3/5) uma **necessidade e desejo de mudança** serem **mais ouvidas**: “*sentia que às vezes não me ouviam ... dizia a minha opinião e valia zero ou nada e então isso custava-me*” (J1). Uma das jovens refere que, apesar de perceber a importância, preferia **não ser envolvida**: “*não é que sejam problemas, mas depois eu fico a pensar muito nisso e acabo por ficar não mal-humorada, mas triste*” (J9).

Quanto às características da **relação das jovens com técnicos** são referenciadas características **positivas** (14), onde se destacam o **sentimento de pertença** (2) e o facto das jovens se **sentirem ouvidas** (2): “*apesar de estar numa instituição sinto que tenho amor aqui dentro (...) apesar de eu estar com a minha mãe, e gostar de voltar para lá, decidi ficar aqui (...) porque sinto que sou mais apoiada e sinto que sou mais ouvida*” (J1). Por outro lado, uma jovem afirma **não confiar** nos profissionais da **equipa técnica** [“*não sei confiar, elas chibam-se umas às outras*” (J4)]. Existe ainda uma referência a **satisfação** nesta relação: “*faz sentir bem. Faz-me sentir amada e que se preocupam comigo*” (J1). Quanto à **relação das jovens com os educadores**, várias entrevistadas expressaram características **positivas** (6/28), demonstrando **satisfação**, salientando-se o **apoio** (5/9) [“*a C é aquele apoio incondicional, que eu gostaria que a minha mãe tivesse para comigo. A minha vida toda*” (J4)], o facto de **serem ouvidas** (3/3) [“*a R é aquela pessoa que diz o que eu quero ouvir (...) Porque ela diz o que nós queremos ouvir e o que não queremos (...) ouve-me muito e fala comigo e dá-me conselhos mesmo bons*” (J5)] e o considerarem a educadora como **família**: “*A R é uma mãe para mim*” (J7), “*se há alguém que considero como minha família é a R*” (J8).

Discussão:

Segundo Silva (2012), as CAR conseguem suprimir as necessidades das crianças/jovens, como alimentação e a escola, todavia existem responder às necessidades de cariz emocional e

relacional (Lopes & Arpini, 2009), vai depender da abertura dos colaboradores. Segundo Carlos, Ferriani, Silva, Roque e Vendruscolo (2013) as crianças/jovens procuram nestas figuras formas para suprimir as suas necessidades, especialmente as de diálogo, cuidado, afeto e confiança. Diferentes investigações enfatizam que um dos aspetos positivos do AR é a relação com os cuidadores, pela apoio, aceitação, abertura e estabelecimento de relações de vinculação (Holden, Anglin, Nunno & Izzo, 2014; Rauktis, Fusco, Cahalane, Bennett & Reinhart, 2011). Os cuidadores, encontrando-se envolvidos nas rotinas e cuidados das crianças/jovens, tendem a constituir-se como um referencial de família por poderem ser fonte de orientação, afeto e apoio (Prada, 2007; Siqueira & Dell’Aglío, 2006). Efetivamente, nos dados trazidos pelas jovens é notório que os cuidadores se traduzem como figuras de referência.

Desta forma é inequívoco que a CAR irá desempenhar um papel fulcral no desenvolvimento da criança/jovem (Anglin, 2004; Del Valle & Zurita, 2000; Sánchez, 2008). Segundo Rodrigues (2018), deve considerar-se a criança/jovem como sujeito possuidor de capacidades e forças, devem promover-se relacionamentos positivos, essencialmente entre educadores e crianças ou jovens, proporcionando um ambiente familiar onde existam regras e rotinas, fomentando o envolvimento escolar e a aprendizagem ao longo da vida e apoiando as necessidades emocionais, mentais e física.

Responder às necessidades das crianças/jovens em AR deve demandar o respeito pela sua identidade, intimidade, atenção individual, privacidade e valorização da participação nos assuntos que lhe dizem respeito (Magalhães et al., 2016). Segundo diversos autores, (Collins, 2017; Magalhães et al., 2016; McCarthy, 2016; Martín, 2012) o não ser ouvida e o desrespeito pela individualidade são efetivamente fatores que podem afetar negativamente a satisfação com o AR, portanto, segundo Rodrigues (2018), periodicamente as crianças/jovens devem ser chamadas a pronunciarem-se acerca da forma como a CAR responde às suas necessidades e sobre os assuntos que lhe dizem respeito. Tal como nesta investigação, também no estudo de Rodrigues (2018) a dimensão participação em AR foi uma das menos bem avaliadas.

Conclusão

Procuramos conhecer a voz das crianças/jovens em AR, acerca da forma como percebem a relação com as suas famílias e as suas necessidades neste domínio. De forma geral, o estudo, revela que apesar de identificados alguns desafios e desejos de mudança face à relação familiar, as jovens sentem-se satisfeitas com a relação. Também o envolvimento da

família na CAR e nos assuntos que lhes dizem respeito é tido como satisfatório, porém, foram identificadas possíveis sugestões de melhoria quanto às oportunidades proporcionadas.

As crianças/jovens em AR, pela exposição a múltiplos traumas apresentam a necessidade de aprender a lidar com as suas histórias passadas, vivenciando experiências positivas (Coholic et al. 2009; Steenbakkers, Van Der Steen, & Grietens, 2016), neste sentido, é fundamental que as pessoas à sua volta se mostrem sensíveis aos sinais transmitidos e disponíveis para ouvir e entender a sua história (Steenbakkers et al., 2016). O facto de serem ouvidos proporcionará uma melhor perceção acerca das suas características pessoais e necessidades (Rodrigues, 2018), e o receber atenção é imprescindível para satisfazer necessidades de autoestima e de habilidades de autorregulação (Gallegos et al. 2011; Stoner, Leon & Fuller. 2015). Os familiares devem oferecer uma resposta adequada no sentido de garantir o conforto emocional das jovens (Department of Health, 2000). Estas necessidades muitas vezes não respondidas pela família terão implicações no funcionamento das CAR e no envolvimento da família na vida das jovens, portanto é indispensável esquecer que os cuidadores na CAR foram referenciados como figuras valorizadas, oferecendo estabilidade, congruência e coerência na vida das crianças/jovens, conjuntamente estes resultados parecem apontar para o que segundo Rodrigues (2018) é tradutor de um contexto de AR de qualidade.

Os jovens adolescentes são a população mais prevalente em AR e, prevendo-se que continuará a ser assim, o nosso estudo considera-se uma mais valia por incidir sobre essa população, dadas as características particulares desta etapa desenvolvimental muito particularmente marcada no que diz respeito à expectativa de autonomia e independência emocional e construção de identidade (ISS, 2018). Adicionalmente apresenta outras potencialidades não só por dar voz às crianças/jovens em AR e promover o conhecimento acerca das suas perceções acerca das suas necessidades familiares, o que é ainda pouco descrito na literatura, como também pelo facto de através do levantamento de necessidades e da participação das crianças/jovens ser possível contribuir para a elaboração e adaptação de programas de intervenção ajustados às suas necessidades promovendo o seu bem-estar e desenvolvimento integral (Collins, 2017; Magalhães et al., 2016; McCarthy, 2016). Esta identificação de necessidades é o ponto de partida para trabalhar os recursos essenciais ao desenvolvimento dos serviços para responder atempadamente e de forma integral. Uma avaliação das necessidades irá permitir compreender o que poderá ser um fator de proteção, ou pelo contrário, o que poderá ser um fator de risco, na vida da criança ou jovem em questão (Department of Health, 2000).

Consideramos ainda que a proximidade da entrevistadora ao contexto se revelou uma mais valia, por inibir qualquer constrangimento da jovem face a este momento.

Na prática e, face aos resultados, assinalamos a importância de a CAR auscultar, as opiniões das crianças/jovens nos assuntos que lhes dizem respeito, salvaguardando assim os seus direitos e o seu sentimento de pertença, considerando a etapa desenvolvimental em que estas se encontram e procurando perceber por exemplo, as suas expectativas face à vida futura. O processo de envolvimento das famílias pela CAR tem como desafio a individualização da intervenção de forma a ir ao encontro das necessidades das crianças/jovens de forma a capacitar a família para responder, também ela, de forma mais adequada às necessidades identificadas pelas jovens.

Futuramente, tendo em conta que estas se constatarem como limitações do presente estudo, seria importante considerar-se uma amostra mais representativa do AR (idade, género, tempo de permanência na CAR) e, perceber adicionalmente a perceção dos familiares e dos profissionais acerca deste tema, por possuírem um papel tão relevante na vida das crianças/jovens.

Apesar da crescente preocupação com a temática do AR, é imprescindível que exista uma maior atenção, pois apenas com a participação das crianças/jovens e daqueles que interagem com estas, é possível criarem-se condições para um desenvolvimento integral e bem-estar.

Referências

- Alarcão, I. (2002). Escola Reflexiva e Desenvolvimento Institucional – Que Novas Funções Supervisivas?. In Formosinho, J. (eds.). *A Supervisão na Formação de Professores I – Da Sala à Escola* (pp. 217-237). Porto: Porto Editora.
- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares. Uma visão sistémica*. Lisboa: Quarteto Editora.
- Amado, J., Ribeiro, F., Limão, I., & Pacheco, V. (2003). *A escola e os alunos institucionalizados*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Anglin, J. P. (2004). Creating “well-functioning” residential care and defining its place in a system of care. *Child & Youth Care Forum*, 33(3), 175-192. doi: 10.1023/B:CCAR.0000029689.70611.0f
- Axford, N., & Little, M. (2004). *Meeting needs or protecting rights: which way for children services?* Totnes: Dartington Social Research Unit.
- Balsells, M., Pastor, C., Molina, M. C., Fuentes-Peláez, N., Vaquero, E., & Mundet, A. (2013). Child Welfare and Successful Reunification: Understanding of the Family Difficulties during the Socio-Educative Process. *Revista de Cercetare Si Interventie Sociala*, 42, 228–247.
- Barbas, L. S. M. (2014). *Lar de infância e juventude especializado: o modelo terapêutico na perspectiva dos jovens e suas famílias*. (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre Escola Superior de Educação de Portalegre). Retirado de <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8481/1/Lúcia%20Sofia%20Mourato%20Barbas.pdf>
- Bateson, G. (1987). *Natureza e espírito*. Lisboa: Dom Quixote.
- Bazeley, P., & Jackson, K. (2013). *Qualitative data analysis with NVivo*. Londres: SAGE.
- Beck, R. (2004). *Motivation: theories and principles*. Upper Saddle River: Pearson.

- Berrick, J. D., & Skivenes, M. (2012). Dimensions of high-quality foster care: Parenting plus. *Children and Youth Services Review, 34*(9), 1956–1965. doi:10.1016/j.chidyouth.2012.05.026.
- Borges, J. L. (2007). *Abuso sexual infantil: consequências cognitivas e emocionais*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre). Retirada de <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10807/000601985.pdf>
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bravo, A., & Del Valle, J. F. (2009). Crisis y revisión del acogimiento residencial. Su papel en la protección infantil. *Papeles Del Psicólogo, 30*(1), 42–52.
- Bravo, A., & Del Valle, J. F. (2009). Crisis y revisión del acogimiento residencial. Su papel en la protección infantil. *Papeles del Psicólogo, 30* (1), 42-52.
- Breakwell, G. (2000). Interviewing. In G. Breakwell, S. Hammond & C. Fife-Schaw (Eds.), *Research Methods in Psychology* (pp. 239-250). London: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge: University Press.
- Brook, J., McDonald, T. P., & Yan, Y. (2012). An analysis of the impact of the Strengthening Families Program on family reunification in child welfare. *Children and Youth Services Review, 34*(4), 691–695. doi:10.1016/j.chidyouth.2011.12.018
- Calheiros, M. M., Lopes, D., & Patrício, J. N. (2012). Assessment of the needs of youth in residential care: Development and validation of an instrument. *Children and Youth Services Review, 33*(10), 1930-1938. doi: 10.1016/j.chidyouth.2011.05.020
- Carlos, D. M., Ferriani, M. D. G. C., Silva, M. A. I., Roque, E. M. D. S. T., & Vendruscolo, T. S. (2013). O acolhimento institucional como proteção a adolescentes vítimas de violência doméstica: teoria ou prática?. *Revista Latino-Americana de Enfermagem, 21*(2), 579-585.

- Carneiro, D. C. G. (2013). O Desenvolvimento de Crianças e Jovens Institucionalizados: as perspectivas dos cuidadores (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto). Retirada de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67760/2/30265.pdf>
- Carvalho, T., & Manita, C. (2010). Perceções de Crianças e Adolescentes Institucionalizados sobre o Processo de Institucionalização e a Experiência na Instituição In *Actas do VII simpósio nacional de investigação em psicologia*. (3326-3335). Portugal: Universidade do Minho.
- Clark-Ibanez, M. (2004). Framing the Social World With Photo-Elicitation Interviews. *American Behavioral Scientist*, 47(12), 1507-1527.
- Coholic, D., Lougheed, S., & Cadell, S. (2009). Exploring the help-fulness of arts-based methods with children living in foster care. *Traumatology*, 15(3), 64–71. Doi <https://doi.org/10.1177/1534765609341590>
- Collins, T. M. (2017) A child’s right to participate: Implications for international child protection. *The International Journal of Human Rights*, 21(1), 14-46. doi: 10.1080/13642987.2016.1248122.
- Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Crianças e Jovens, 2018. [Em linha]. Disponível em <https://www.cnpdpcj.gov.pt>. [Consultado em 20 de Setembro de 2018].
- Corbin, J., & Strauss, A. (2008). Strategies for qualitative data analysis. *Basics of Qualitative Research. Techniques and procedures for developing grounded theory*, 3. Doi <https://dx.doi.org/10.4135/9781452230153.n4>
- Creswell, J. (2014). *Investigação qualitativa*. Brasil: Penso Editora.
- Dahlberg, G., Moss, P., & Pence, A. (2003). *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2012). Motivation, personality, and development within embedded social contexts: An overview of self-determination theory. In R. M. Ryan (Ed.), *The oxford handbook of human motivation* (pp. 85–107). New York, NY: Oxford University Press.

- Decreto Lei no 147/99 de 1 de Setembro do Ministério da Justiça.* Diário da República: I série, No 175(2015). Acedido a 20 abril 2019 em <https://dre.pt>
- Decreto Lei no 26/2018 de 5 de Julho do Ministério da Justiça.* Diário da República: I série, No 175(2015). Acedido a 20 abril 2019 em <https://dre.pt>
- Del Valle, J. F., & Zurita, J. F. (2000). *El acogimiento residencial en la protección a la infancia.* Madrid: Pirámide.
- Delap, E. (2011). *Scaling down: Reducing, reshaping and improving residential care around the world.* London: EveryChild.
- Delgado, P. (2006). *Os direitos da criança. Da participação à responsabilidade. O sistema de proteção e educação das crianças e jovens.* Porto: Editora Profedições.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research.* London: Sage.
- Department of Health (2000). *Framework for the Assessment of Children in Need and their Families.* London: The Stationery Office Ltd.
- Dias, S., Matos, M. G. D., & Gonçalves, A. (2007). Perceção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 25(4), 625-634.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia.* Lisboa: Climepsi.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, 24, 213-225.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- Dunst, C. (1995). Fatores de Risco e Oportunidade com Influência no Comportamento e Desenvolvimento da Criança e do Agregado Familiar. In *IV Encontro sobre Intervenção Precoce.* Coimbra.
- Epstein, I., Stevens, B., McKeever, P., & Baruchel, S. (2008). Photo Elicitation Interview (PEI): Using Photos to Elicit Children's Perspectives. *International journal of qualitative methods*, 5(3), 1-11.

- Farromba, M. (2013). *Relações de Vinculação e Sucesso Escolar em Jovens Institucionalizados: Um Desafio aos seus Cuidadores* (Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.11/2118>
- Fattore, T., Mason, J., & Watson, E. (2007). Children's Conceptualisation(s) of their Well-being. *Social Indicators Research*, 80, 5-29. Doi <https://doi.org/10.1007/s11205-006-9019-9>
- Fernandes, P. (2013). *Incursões em torno do projeto de vida em acolhimento institucional: do conceito à intervenção* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Retirada de <http://hdl.handle.net/1822/28911>
- Ferreira, T. P. (2013). *Crianças e Jovens Institucionalizados: Representações e Expetativas em relação à Família Biológica* (Tese de Mestrado, Instituto de Educação. em Estudos da Criança, Universidade do Minho). Retirado de <http://hdl.handle.net/1822/28900>
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na investigação científica*. Lisboa: Monitor – Projetos e Edições, Lda.
- Gallegos, A., White, C. R., Ryan, C., O'Brien, K., Pecora, P. J., & Thomas, P. (2011). Exploring the experiences of lesbian, gay, bisexual, and questioning adolescents in foster care. *Journal of Family Social Work*, 14(3), 226–236. Doi <https://doi.org/10.1080/10522158.2011.571547>
- Gaspar, T., Matos, M. G. D., Ribeiro, J. L. P., & Leal, I. (2008). Qualidade de vida e bem-estar e crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2(2), 47-60.
- Gimeno, J. (2001). *Quem sai aos seus*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gomes, I. (2010). *Acreditar no Futuro*. Lisboa: Texto Editora.
- Gomes, M. E. F. (2014). *Avaliação do impacto de um programa de intervenção com famílias multiproblemáticas: para uma parentalidade mais positiva*. (Dissertação de

Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto). Retirada de <http://hdl.handle.net/10284/4212>

Gómez, E., Muñoz, M. M., & Haz, A. M. (2007). Familias multiproblemáticas y en riesgo social: características e intervención. *Psykhe (Santiago)*, 2(16) 43-54. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22282007000200004>

Gómez, E., Muñoz, M. M., & Haz, A. M. (2007). Familias multiproblemáticas y en riesgo social: características e intervención. *Psykhe Santiago*, 16(2) 2, 43-54. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22282007000200004>

Guerra, P. (2016). *Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo Anotada*. Coimbra: Almedina.

Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). *Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed.

Hamalainen, J. (2016). The origins and evolution of child protection in terms of the history of ideas, *Paedagogica Historica*, 52(6), 734-747. doi: 10.1080/00309230.2016.1240210

Hannon, C., Wood, C., & Bazelgate, L. (2010). *In Loco Parentis: "To Deliver the Best for Looked After Children, the State must be a Confident Parent..."*. London: Demos.

Harper, D. (2002). Talking about pictures: A case for photo elicitation. *Visual Studies*, 17, 13-26.

Harper, F. D., & Stone, W. O. (2003). Transcendent counseling: An existential, cognitive-behavioral theory. In F. D. Harper & J. McFadden (Eds.), *Culture and counseling: New approaches* (pp. 233–251). Boston, MA: Allyn and Bacon.

Herschell, A. D., & McNeil, C. B. (2005). Theoretical and empirical underpinnings of parente child interaction therapy with child physical abuse populations. *Education and Treatment of Children*, 28(2), 142-162.

- Holden, M. J., Anglin, J. P., Nunno, M. A., & Izzo, C. (2014). Engaging the total therapeutic residential care program in a process of quality improvement: Learning from the CARE program model. In J. K. Whittaker, J.F. Del Valle, & L. Holmes (Eds.), *Therapeutic residential care for children and youth: Exploring evidence-informed international practice* (pp. 301-316). London, U.K.: Jessica Kingsley.
- Instituto da Segurança Social [ISS]. (2015). *CASA 2014 – Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto Da Segurança Social, IP.
- Instituto da Segurança Social [ISS]. (2018). *CASA 2017 - Relatório de Caracterização Anual da Situação do Acolhimento das Crianças e Jovens*. Lisboa: Instituto Da Segurança Social, IP.
- Islam, T., & Fulcher, L. (2017). Conclusion: Viewing the world through cross-national lenses. In T. Islam, & L. Fulcher (Eds.), *Residential child and youth care in a developing world: European perspectives* (pp. 367-372). Cape Town, South Africa: CYC-Net Press. Doi: 978-1-928212-24-9.
- Kaplan, I., Lewis, I., & Mumba, P. (2007). Picturing global educational inclusion? Looking and thinking across students' photographs from the UK, Zambia and Indonesia. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 7(1), 23–35.
- Lau, A. S., Litrownik, A. J., Newton, R. R., & Landsverk, J. (2003). Going home: The complex effects of reunification on internalizing problems among children in foster care. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 31(4), 345–358.
- Lauz, G. V. M., & Borges, J. L. (2013). Concepção de família por parte de crianças em situação de acolhimento institucional e por parte de profissionais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(4), 852-867.
- Levy, L., & Jonathan, E. G. (2010). Minha família é legal? A família no imaginário infantil. *Estudos de Psicologia*, 27(1), 49-56. [http:// dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100006](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100006)

- Little, M., Axford, N. & Morpeth, L. (2004). Risk and Protection in the Context of Services for Children in Need. *Child and Family Social Work*, 9, 105-118.
- Lopes, M. D. C., & Arpini, D. M. (2009). Retratos da infância: um olhar voltado às instituições de abrigo. In D. M. Arpini (Ed.), *Psicologia, família e instituição* (pp. 89-128). Santa Maria: Editora UFSM.
- Lopes, S. M. D. A. F. (2017). *Um Novo Olhar sobre o Acolhimento Residencial: a realidade das Casas de Acolhimento no Distrito de Santarém*. Dissertação de mestrado publicada, Instituto Superior Miguel Torga.
- Machado, C. (2000). *Discursos do medo, imagens do “outro”: estudos sobre a insegurança urbana na cidade do Porto* (Dissertação de Doutoramento não publicada). Universidade Minho, Braga.
- Machado, M. S., Scott, J. B., & Siqueira, A. C. (2016). Crianças institucionalizadas e suas famílias de origem: as imagens sociais e seus reflexos na garantia de direitos. *Revista brasileira de iniciação científica*, 3(6), 92-111.
- MacLean, K. (2003). The impact of institutionalization on child development. *Development and Psychopathology*, 15(4), 853-884.
- Magalhães, E., Calheiros, M. M., & Costa, P. (2016). To be or not to be a rights holder: Direct and indirect effects of perceived rights on psychological adjustment through group identification in care. *Children and Youth Services Review*, 71(1), 110-118. doi: 10.1007/s12187-014-9257-3
- Martín, E. (2012). Residential care as a resource of the childhood welfare system: Current strengths and future challenges. In A. Muela (Ed.), *Child abuse and neglect: A multidimensional approach* (pp. 37-160). Rijeka: InTech. doi: 10.5772/46402
- Martins, P. C. (2004). *Proteção de Crianças e Jovens em Itinerários de Risco: Representações Sociais, modos e espaços* (Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho). Reitada de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3238/1/1.%20Parte%20teórica.pdf>

- Martins, P. C. (2004). *Protecção de crianças e jovens em itinerários de risco: Representações sociais, modos e espaços* (Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, Universidade do Minho). Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3238>
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row, Publishers.
- McCarthy, E. (2016). Young people in residential care, their participation and the influencing factors. *Child Care in Practice*, 22(4), 368-385. doi: 10.1080/13575279.2016.1188763.
- McCoy, H., McMillen, J., & Spitznagel, E. (2008). Older youth leaving the foster care system: Who, what, when, where, and why?. *Children and Youth Services Review*, 30(7), 735–745.
- McLaughlin, K. A., Zeanah, C. H., Fox, N. A., & Nelson, C. A. (2012). Attachment security as a mechanism linking foster care placement to improved mental health outcomes in previously institutionalized children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 53(1), 46–55. doi:10.1111/j.1469-7610.2011.02437.x.
- Melo, A. & Alarcão, M. (2011). Avaliações em situações de risco e perigo para as crianças: Um roteiro organizador. *Análise Psicológica*, 3(29), 451-466.
- Melo, A., & Alarcão, M. (2011). Avaliações em situações de risco e perigo para as crianças: Um roteiro organizador. *Análise psicológica*, 29(3), 451-466.
- Mersky, J. P., & Janczewski, C. (2013). Adult well-being of foster care alumni: Comparisons to other child welfare recipients and a non-child welfare sample in a high-risk, urban setting. *Children and Youth Services Review*, 35(3), 367–376.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Artes Médicas.
- Monteiro, D. F. (2014). *Absentismo Escolar: a escola, a família e o futuro* (Dissertação de Licenciatura, Universidade Fernando Pessoa, Porto). Retirada de <http://hdl.handle.net/10284/4723>

- Montserrat, C. (2014). The Child Protection System from the Perspective of Young People: Messages from 3 Studies. *Social Sciences*, 3(4), 687–704. doi:10.3390/socsci3040687
- Moreira, M. S. O. (2018). *Mãos que protegem, corações que acolhem o acolhimento de crianças e jovens em Portugal* (Tese de Mestrado, Instituto Superior de Serviço Social do Porto). Retirada de <http://hdl.handle.net/10400.26/22942>
- Moreno, A. (2015). *História da criança*. Carcavelos: Editora Brilho do Sol.
- Mortágua, A. A. P. (2011). *A percepção da qualidade de vida da criança-adolescente em contexto de acolhimento temporário* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Retirada de <http://hdl.handle.net/1822/18631>
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise psicológica*, 28(2), 245-254.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2, 245-254.
- Neves, Z. S. (2007). *A (nossa) Intervenção com Famílias Multiproblemáticas*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar.
- Ochotorena, J., & Madariaga, M. (2001). *Manual de Protección Infantil*. Masson.
- Pacheco, P. J. C. (2010). *Lares de Infância e Juventude: Contributos para um modelo de acolhimento e integração social*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Pelisolil, C., Teodoro, M. L. M., & Dell’Aglia, D. D. (2007). A percepção de família em vítimas de abuso sexual intrafamiliar: Estudo de caso. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 59(2), 256–269.
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. V. C. (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 135-246. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722004000200006>

- Prada, C, Williams, L., & Weber, L. (2007). Abrigos para crianças vítimas de violência doméstica: Funcionamento relatado pelas crianças e pelos dirigentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 9 (2), 14-25.
- Prates, E. J. S., Prates, M. L. S., da Silva, L. F. I., Ferreira, G. M. F., Araújo, L. M. S., & Andrade, R. D. (2018). Abordando a qualidade de vida na adolescência: Formando novos atores sociais por meio de oficinas educativas. *Revista Eixos Tech*, 5(1). Doi <http://dx.doi.org/10.18406/2359-1269v5n12018143>
- Pullum, T., Cappa, C., Orlando, J., Dank, M., Gunn, S., Mendenhall, M., & Riordan, K. (2012). Systems and strategies for identifying and enumerating children outside of family care. *Child Abuse & Neglect*, 36(10), 701-710. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2012.09.003>
- Ramião, T. A. (2017). *Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo: Anotada e comentada*. Lisboa: Quid Juris.
- Ramos, D. M., & Nascimento, V. G. (2008). A família como instituição moderna. *Fractal, Revista de Psicologia*, 20(2), 451-472. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922008000200012>
- Rauktis, M. E., Fusco, R. A., Cahalane, H., Bennett, I. K., & Reinhart, S. M. (2011). “Try to make it seem like we're regular kids”: Youth perceptions of restrictiveness in out-of- home care. *Children and Youth Services Review*, 33, 1224-1233. doi: 10.1016/j.childyouth.2011.02.012
- Reis, I. M. D. G. (2012). *Intervenção social com famílias multiproblemáticas: diálogos entre a sistémica e a mediação* (Dissertação de mestrado, Faculdade das ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa). Retirada de <http://hdl.handle.net/10284/3534>
- Rennie, D. L., Phillips, J. R., & Quartaro, G. K. (1988). Grounded theory: A promising approach to conceptualization in psychology? *Canadian*

Psychology/Psychologie canadienne, 29(2), 139-150.
<http://dx.doi.org/10.1037/h0079765>

Ribeiro, M. T. & Coutinho, M. (2008). Reflectir sobre a célula base da sociedade – Retratos de Família. cit.In. www.familiacrista.com.

Rodrigo, M., Máiquez, M., Correa, A., Martín, J., & Rodríguez, G. (2006). Outcome evaluation of a community center-based program for mothers at high psychosocial risk. *Child abuse & Neglect*, 30, 1049-1064. Doi <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.03.004>

Rodrigues, S. P. D. L. A. (2018). A qualidade do acolhimento residencial em Portugal: Avaliação da adequação dos serviços às necessidades das crianças e jovens institucionalizados.

Rodrigues, S., Barbosa-Ducharme, M., & Del Valle, J. F. (2014). Quality of residential care system of children in Portugal: Preliminary results from a comprehensive assessment. In C. Pracana (Ed.), *InPact International Psychological Applications Conference and Trends 2014 Proceedings* (pp. 36-40). Porto: InPact.

Rodríguez, M. (1998). La familia multiproblemática y el modelo sistémico. *Sistémica*, 4(5), 159-185.

Saldaña, J. (2015). *The coding manual for qualitative researchers*. London: Sage Publications

Sampaio, D. (2011). *Crianças e jovens em risco*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Sánchez, M. E. (2008). *Análisis de la competencia lingüística y de la adaptación personal, social, escolar y familiar en niños institucionalizados en centros de acogida*. (Tese de Doutoramento, Faculdade de Educação da Universidade da Extremadura, Espanha). Retirada de http://dehesa.unex.es/bitstream/handle/10662/400/TDUEX_9788477238522.pdf?sequence=1&isAllowed=y

- Schofield, G. & Beek, M. (2005). Providing a secure base: Parenting children in long-term foster family care. *Attachment and Human Development*, 7(1), 3–26. doi:10.1080/14616730500049019.
- Scholte, E. M., & Van Der Ploeg, J. D. (2000). Exploring factors governing successful residential treatment of youngsters with serious behavioural difficulties: Findings from a longitudinal study in Holland. *Childhood*, 7(2), 129-153. Doi <https://doi.org/10.1177/0907568200007002002>
- Shechory, M., & Sommerfeld, E. (2007). Attachment Style, Home-Leaving Age and Behavioral Problems Among Residential Care Children. *Child Psychiatry & Human Development*, 37(4), 361-373.
- Shonkoff, J., & Phillips (2000). *From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development*. Washington, DC: National Academy Press.
- Silva, M. L. (2012). *Lei Nacional de adoção e acolhimento institucional: o ponto de vista de psicólogos e assistentes sociais* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil). Retirada de <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10304/SILVA%2C%20MILENA%20LEITE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Silva, M. L. (2012). *Lei Nacional de adoção e acolhimento institucional: o ponto de vista de psicólogos e assistentes sociais* (Dissertação de Mestrado não- publicada). Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.
- Simões, M. H. (2011). Crianças e jovens em perigo: Cuidado e responsabilidade no acolhimento institucional. In T. S. Pereira & G. Oliveira (Coords.), *Cuidado e Responsabilidade* (pp. 202-221). São Paulo: Editora Atlas.
- Siqueira, A. C. (2012). Avanços na legislação de proteção à criança e ao adolescente: superando desafios e construindo novas perspectivas no atendimento ao jovem em situação de institucionalização. In D. M. Arpini & A. C. Siqueira (Ed.), *Psicologia, famílias e leis: desafios à realidade brasileira* (pp. 19-70). Santa Maria, RS: UFSM.

- Siqueira, A. C., & Dell'aglio, D. D. (2006). O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & Sociedade*, 18(1), 71-80. doi: [http:// dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100010](http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822006000100010)
- Sousa, L., Hespana, P., Rodrigues, S., & Grilo, P. (2007). *Famílias Pobres: Desafios à Intervenção Social*. Lisboa: Climepsi.
- Southwell, J., & Fraser, E. (2010). Young people's satisfaction with residential care: Identifying strengths and weaknesses in service delivery. *Child Welfare*, 89(2), 209-228.
- Steenbakkens, A., Van Der Steen, S., & Grietens, H. (2016). 'To talk or not to talk?': Foster youth's experiences of sharing stories about their past and being in foster care. *Children and Youth Services Review*, 71, 2–9. doi:10.1016/j.chilyouth.2016.10.008.
- Steenbakkens, A., Van Der Steen, S., & Grietens, H. (2018). The Needs of Foster Children and How to Satisfy Them: A Systematic Review of the Literature. *Clinical child and family psychology review*, 21(1), 1-12.
- Stoner, A. M., Leon, S. C., & Fuller, A. K. (2015). Predictors of reduction in symptoms of depression for children and adolescents in foster care. *Journal of Child and Family Studies*, 24(3), 784–797. doi:10.1007/s10826-013-9889-9. Doi <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9889-9>
- Stott, T., & Gustavsson, N. (2010). Balancing permanency and stability for youth in foster care. *Children and Youth Services Review*, 32(4), 619–625.
- Teixeira, E. D. F. (2012). *Comportamentos Perturbados de Vinculação em Crianças em Acolhimento Institucional: Contribuição das Características da Criança e dos Cuidados*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Braga). Retirada de <http://hdl.handle.net/1822/24237>
- Thomson, P., & Gunter, H. (2008). Researching bullying with students: a lens on everyday life in an 'innovative school'. *international Journal of inclusive education*, 12(2), 185-200.

- Tomlinson, P. (2018). *The development of a model of therapeutic care – An evidence Informed Model*.
- Tottenham, N. (2012). Risk and developmental heterogeneity in previously institutionalized children. *Journal of Adolescent Health, 51*, 29–33. doi: 10.1016/j.jadohealth.2012.04.004.
- UNGA (2010). *Guidelines for the Alternative Care of Children* (United Nations General Assembly, A/RES/64/142). Retrieved from: https://www.unicef.org/protection/alternative_care_Guidelines-English.pdf
- Varanda, A. C. (2011). *Cruzar olhares sobre a intervenção familiar integrada e precoce famílias (s) em risco? Percepção das famílias multidesafiadas com acerca das suas necessidades e forças*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Católica Portuguesa, Porto). Retirada de <http://hdl.handle.net/10400.14/9214>
- Vitale, M. A. F. (2006). Famílias: pontos de reflexão. In M. V. Baptista (Ed.), *Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação* (pp. 77-85). São Paulo: Instituto Camargo Correa.
- Zappe, J. G., Yunes, M. A. M., & Dell’Aglío, D. D. (2016). Imagens Sociais de Famílias com crianças e adolescentes: Impacto do Status socioeconómico e da institucionalização. *Pensando Famílias, 20*(1), 83-98.
- Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F. & Carlson, E. (2005). Attachment in institutionalized and community children in Romania. *Child Development, 76*(5), pp. 1015- 1028.
- Zimmer-Gembeck, M. (2002). The development of romantic relationships and adaptations in the system of peer relationship. *Journal of Adolescent Health, 31*, 216- -225. Doi [doi.org/10.1016/S1054-139X\(02\)00504-9](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(02)00504-9)

Anexos

Anexo I - Declaração de Consentimento Informado Jovens

Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____ participarei no estudo acerca da **Perceção dos Jovens em Acolhimento Residencial no que diz respeito às suas Necessidades, no âmbito da sua Relação Familiar**, realizado pela aluna Ana Cláudia Silva Prata, sob a orientação da Professora Doutora Mariana Negrão e da Professora Doutora Elisa Veiga da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP – UCP).

Fui informada que:

A minha participação neste estudo é voluntária e posso desistir a qualquer momento, sem precisar de justificar a minha decisão.

Os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, toda a informação será meramente utilizada para este estudo.

Sou quem melhor pode falar acerca das minhas necessidades, daí a minha participação ser essencial.

Para isso realizarei uma entrevista, a qual será gravada em formato áudio. Para esta entrevista devo levar (no máximo) 3 fotografias que ilustrem a forma **como me sinto na relação com a minha família**. Se não tiver como tirar as fotografias posso pedir à investigadora uma máquina fotográfica descartável, a qual terei de devolver no momento da entrevista.

Se tiver alguma dúvida ou quiser saber mais acerca do estudo posso contactar a investigadora através do e-mail anacsprata@hotmail.com

_____ em _____ de Maio de 2019

Anexo II - Declaração de Consentimento Informado Representante Legal

Declaração de Consentimento Informado

(Responsável legal da menor)

Eu, _____, permito que a menor _____, pela qual sou responsável, participe no estudo acerca da **Perceção dos Jovens em Acolhimento Residencial no que diz respeito às suas Necessidades, no âmbito da sua Relação Familiar**, realizado pela aluna Ana Cláudia Silva Prata, sob a orientação da Professora Doutora Mariana Negrão e da Professora Doutora Elisa Veiga da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP – UCP).

Para a elaboração deste projeto será realizada uma entrevista semiestruturada (gravada em formato áudio), a qual terá por base o método de foto elicitação. Para tal as jovens terão de levar, no máximo, três fotografias que ilustrem a forma como se sentem na relação com a sua família. Se necessário a investigadora fornecerá máquinas fotográficas descartáveis, as quais terão de ser entregues no momento da entrevista.

Declaro que fui informada de que a participação da jovem acima referida neste estudo é voluntária, podendo esta desistir a qualquer momento, sem necessidade de justificação prévia, e que os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, sendo toda a informação meramente utilizada para este estudo.

Se tiver alguma dúvida acerca do estudo posso contactar a investigadora através do e-mail anacsprata@hotmail.com

_____ em _____ de Abril de 2019

Anexo III - Consentimento Informado Partilha das Fotografias

Declaração de Consentimento Informado

Eu, participante no estudo acerca da **Percepção dos Jovens em Acolhimento Residencial no que diz respeito às suas Necessidades, no âmbito da sua Relação Familiar**, realizado pela aluna Ana Cláudia Silva Prata, sob a orientação da Professora Doutora Mariana Negrão e da Professora Doutora Elisa Veiga da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa (FEP – UCP), declaro que permito à investigadora partilha das fotografias por mim tiradas para esta investigação.

Declaro que fui informada de que os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos, sendo toda a informação meramente utilizada para este estudo.

Se tiver alguma dúvida acerca do estudo posso contactar a investigadora através do e-mail anacsprata@hotmail.com

_____ em _____ de Maio de 2019

Anexo IV - Guião da Entrevista

Objetivos	Objetivos Específicos		Questões
Exploração das fotografias			<ol style="list-style-type: none"> 1. Como te sentiste ao fotografar? 2. Qual a fotografia que mais gostas? Porquê? 3. Podes dar um nome a cada fotografia? 4. O que diz sobre a tua família? 5. O que significa para ti? 6. Se pudesses, o que gostavas de fotografar mais?
Caracterização da família de origem		Caracterização dos contactos: em termos de forma, frequência, o quê que acontece e como se sente; desejos	<ol style="list-style-type: none"> 7. Como é constituído o teu agregado familiar? 8. Sei que tens contacto com a tua família, correto? Com quem? 9. Queres falar-me sobre como costumam ser esses momentos. (Vai a casa aos fins de semana, a família vai ao lar, falam por telefone, videochamada, ...) 10. Como me descreverias os momentos com a tua família? O que fazes normalmente em casa quando vais? 11. Como te sentes? Qual a importância que estes momentos têm para ti? 12. O que gostarias que fosse diferente nestes momentos?
Caracterização da relação dos jovens com os familiares	<p>De que forma a jovem se relaciona com a família no contexto familiar</p> <hr/> <p>De que forma a jovem percebe a relação da família com a Casa de Acolhimento</p>	Lógica descritiva: Elementos de suporte; afinidades e desencontro; com quem se identifica, relações positivas/ tensão conflito	<ol style="list-style-type: none"> 13. Consegues dizer-me três palavras que descrevam a relação com a tua família. Queres falar-me um bocadinho sobre elas? 14. Em momentos de tristeza e/ou preocupação a quem costumavas recorrer? 15. E quando te sentes feliz e realizada? Costumas também partilhar esses momentos? Com quem? 16. Qual é a pessoa com quem mais te identificas? Queres explicar-me porquê? 17. E, por outro lado, com quem não te identificas? Porquê? 18. Consegues dizer-me três palavras que descrevam a relação da tua família com o Lar Nossa Senhora do Livramento. Queres falar-me um bocadinho sobre elas? 19. Como caracterizas a relação entre os teus familiares e a tua educadora de referência e/ou equipa técnica? O que pensas acerca disso?

			20. Como é que achas que esta relação deveria ser? /O que gostarias que fosse diferente nesta relação?
Caracterização da relação dos jovens com os familiares	Como se sente a jovem na relação com os familiares, no contexto familiar		21. Consideras que és ouvido pela tua família? Que impacto é que isso tem em ti? 22. Achas que és compreendido pelos teus familiares? O quê que isso te faz sentir? 23. Como te sentes quando estas com a tua família? 24. Os teus familiares conhecem os teus amigos? Queres falar-me um bocadinho acerca disso? 25. A tua família tem influência nas pessoas com quem tu te dás? De que forma?
	Como se sente a jovem na relação com os familiares, no que considera o envolvimento da família na Casa de Acolhimento	A sua perceção da relação na associação daquilo que são necessidades	26. Sentes que és envolvida nos assuntos a que te dizem respeito? A tua opinião é tida em conta aqui na casa? De que maneira? Por exemplo quando queres falar mais com os pais, na leitura dos documentos que seguem para tribunal, na construção do PSEI, ... 27. E os teus familiares? Na tua opinião, achas que são envolvidos nesses assuntos? 28. De que forma é que os teus familiares são envolvidos nas atividades ou tarefas que te dizem respeito? 29. Os teus familiares costumam vir às atividades que são desenvolvidas no Lar? Como te sentes em relação a isso? 30. Como costumam correr esses momentos? 31. A tua família costuma acompanhar-te nas consultas médicas? Às reuniões da escola? Consultas de psicologia? 32. O que sentes em relação a isso? 33. O que gostarias que fosse diferente? 34. Se pudesses escolher, que tipo de atividades gostavas que fossem desenvolvidas aqui com a tua família? (reformular) 35. O que pensas ser o mais importante a ser trabalhado? E menos importante? Queres explicar-me o porquê? (reformular)
Conclusão			36. Existe mais alguma informação que aches relevante partilhar comigo? 37. Se pudesses dizer alguma coisa a tua família, que até hoje não conseguiste, o quê que dirias?

Anexo V - Sistema Geral de Categorias em Lista

Lista Do Sistema Geral de Categorias

1. FOTOGRAFIAS
 - 1.1. Significados
 - 1.2. Fotografias Adicionais
2. ROTINAS FAMILIARES
 - 2.1. Tempo com a Família
 - 2.2. Atividades Desenvolvidas
 - 2.2.1. Em Família
 - 2.2.2. Individuas
 - 2.3. Atividade Preferidas
 - 2.4. Significados
 - 2.5. Percepção da Qualidade dos Momentos
 - 2.6. Desejos de Mudança
3. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA
 - 3.1. Caracterização da Relação Familiar
 - 3.1.1. Sentimentos Positivos
 - 3.1.2. Desafios
 - 3.1.3. Não há Partilha
 - 3.2. Caracterização da Relação com os Membros
 - 3.2.1. Mãe
 - 3.2.2. Pai
 - 3.2.3. Irmãos
 - 3.2.4. Avós
 - 3.2.5. Tia e Prima
 - 3.3. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança nas Relações Familiares
 - 3.3.1. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança Atuais
 - 3.3.2. Desejos de Mudança Futuras
 - 3.4. Percepção de Satisfação
 - 3.5. Recordação do Passado
4. CARACTERÍSTICAS DOS MEMBROS DA FAMÍLIA
 - 4.1. Características dos Membros com quem se Identifica
 - 4.1.1. Avó
 - 4.1.2. Ninguém
 - 4.1.3. Irmã
 - 4.1.4. Irmão
 - 4.1.5. Mãe
 - 4.1.6. Pai
 - 4.1.7. Prima
 - 4.2. Características dos Membros com quem se Não Identifica
 - 4.2.1. Avó
 - 4.2.2. Irmã
 - 4.2.3. Mãe
 - 4.2.4. Tio
 - 4.3. Características dos Outros Membros
 - 4.3.1. Irmã
 - 4.3.2. Mãe
 - 4.3.3. Pai
5. JOVEM
 - 5.1. Características Positivas
 - 5.2. Características Desafiadoras
6. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO COM A CAR

- 6.1. Com Técnicos e Educadores
 - 6.1.1. Com Técnicos
 - 6.1.1.1. Família
 - 6.1.1.1.1. Características Positivas
 - 6.1.1.1.2. Características Desafiantes
 - 6.1.1.1.3. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança
 - 6.1.1.2. Jovem
 - 6.1.1.2.1. Características Positivas
 - 6.1.1.2.2. Características Desafiantes
 - 6.1.1.2.3. Percepção de Satisfação
 - 6.1.2. Com Educadores
 - 6.1.2.1. Família
 - 6.1.2.1.1. Características Positivas
 - 6.1.2.1.2. Características Desafiantes
 - 6.1.2.1.3. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança
 - 6.1.2.2. Jovem
 - 6.1.2.2.1. Características Positivas
 - 6.1.3. Percepção de Satisfação
 - 6.1.3.1. A Nível Familiar
 - 6.1.3.2. A Nível Individual
- 6.2. Da Jovem com a CAR
 - 6.2.1. Sim
 - 6.2.2. Nem Em Tudo
 - 6.2.3. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança

7. ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA VIDA DA JOVEM

- 7.1. Amigos_ Rede Social
 - 7.1.1. Familiares Conhecem
 - 7.1.2. Familiares Não Conhecem
 - 7.1.3. Familiares Têm Influência
 - 7.1.4. Familiares Não Têm Influência
 - 7.1.5. Percepção de Satisfação
 - 7.1.5.1. Pelos Familiares Conhecerem
 - 7.1.5.2. Pelos Familiares Não Conhecerem
 - 7.1.5.3. A Nível Individual com a Relação com Amigos
 - 7.1.6. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança
- 7.2. Participação no Projeto de Intervenção
 - 7.2.1. Há Envolvimento
 - 7.2.2. Não Há Envolvimento
 - 7.2.3. Percepção de Satisfação
 - 7.2.4. Percepção de Necessidades de Intervenção Junto da Família
- 7.3. Escola
 - 7.3.1. Há Envolvimento
 - 7.3.2. Não Há Envolvimento
 - 7.3.3. Percepção de Satisfação
 - 7.3.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança
- 7.4. Saúde
 - 7.4.1. Há Envolvimento
 - 7.4.2. Não Há Envolvimento
 - 7.4.3. Percepção de Satisfação
 - 7.4.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança
- 7.5. Atividades da CAR
 - 7.5.1. Há Envolvimento
 - 7.5.2. Não Há Envolvimento
 - 7.5.3. Atividades Propostas Pela Jovem
 - 7.5.4. Percepção de Satisfação
 - 7.5.5. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança

8. MENSAGEM PARA A FAMÍLIA

Anexo VI - Tabela do Sistema Geral de Categorias

1º geração de categorias	2º geração de Categoria	3º geração de Categoria	4º geração de Categoria	5º geração de Categoria	Exemplo de dados	Número de Fontes e Referências	
1. FOTOGRAFIAS Inclui a intencionalidade daquelas fotografias, os sentimentos associados, significado e possibilidades de realização de outras fotografias.	1.1. Significados (6/27)	1.1.1. Significados Positivos (5/17)	Amor e Amizade associados à fotografia com a Mãe		“amor de mãe” J1	1	2
			Diversão associada à fotografia do Parque de Diversões e justificação		“o parque simboliza a diversão e eu gosto de me sentir alegre com a minha família, gosto de sentir que posso brincar com o meu pai e a minha mãe“ J9	1	3
			Mudança associada à fotografia da sobrinha e justificação		“com o nascimento da minha sobrinha houve uma maior ligação que antes” J3	1	3
			Paz associado à fotografia do Céu e justificação		“E do céu porque se eu precisar posso falar com eles, que eles reagem bem e sei que estão lá para me apoiar” J9	1	2
			Respeito associado à fotografia da irmã e justificação		o respeito porque ela é das pessoas “que eu mais respeito, talvez até mais que a minha mãe” J5	1	3
			Ter Família, associada à imagem da família e justificação		“mágica ... porque eu acho que cada membro da minha família é especial” J6	1	2

			Tranquilidade, sossego associada à fotografia com os animais e justificação		“significa tranquilidade e sossego” J1	1	3
		1.1.2. Significados Desafiantes (3/10)	Bipolaridade associada à fotografia da mãe e justificação		“bipolaridade porque, apesar de nesta foto nos parecermos que estamos com grande amor e carinho, nós estávamos chateadas” J5	1	3
			Medo, receio associada à fotografia do quarto de hospital		“momentos difíceis” J1	1	3
			Nada associada à fotografia sobre a relação com a mãe		“não significa nada ... não me faz sentir nada, eu tou bem assim” J7	1	1
			Saudade associada à fotografia do primo e justificação		“Agora só que já não o vi desde aí” J1	1	2
		1.2.1. Positivas (3/4)	Casa		“a casa ...” J1	1	1
			Mar e justificação		“o mar porque é infinito e o nosso amor na família é infinito” J9	1	1
	1.2. Fotografias Adicionais (6/7)		Novas Fotografias com os Membros da Família		“gostava de tirar mais fotos com a minha mãe ... porque não costumo tirar muitas fotos com ela ...” J1	1	1

			Sofá e justificação		“sofá porque eu quando tou em casa da minha tia passamos a vida a ver filmes, ...” J6	1	1
		1.2.2.Desafiantes (2/2)	Metade Trovoada Metade Calmo e justificação		“é o que transmite a minha família. Momentos altos e baixos, melhores e piores” J5	1	1
			Tempestade e justificação		“tempestade e, e, ... por exemplo o maremoto ou assim ... ah situações assim explosivas (...) más e isso. Foi a situação que fez com que isso torna-se o meu sentimento por eles” J4	1	1
		Nada			“não tenho muito olho para essas coisas” J3	1	1
2. ROTINAS FAMILIARES Codifica excertos que referem atividades desenvolvidas pela jovem na família (e que podem ser atividades individuais ou em família). Atividades preferidas nas rotinas familiares e ainda desejos de	2.1. Tempo com a Família (9/16)	Chamadas Telefónicas			“A minha mãe liga-me e falamos às vezes, e eu ligo-lhe a ela.” J3	3	3
		Fins de Semana e Feriados			“numa semana vou para a parte da mãe e na outra vou para a parte do pai” J6	9	12
		Férias			“Fins de semana ... e nas férias” J1	1	1

mudança nas rotinas familiares	2.2. Atividades Desenvolvidas (9/35)	2.2.1. Em Família (9/29)	Atividades de Lazer (9/26)	Cinema	“vamos ao cinema” J1	1	1
				Estar com a sobrinha	“brinco com ela ... é mais à volta dela” J3	1	3
				Música_Dança	“a minha mãe mete sempre a música nas alturas e ficamos a dançar as duas” J9	1	2
				Passeios	“saímos assim para arejar um bocado e isso” J4	7	7
				Programas no Sofá	“vemos um filme, fazemos umas pipocas, ficamos lá até, se ela não estiver a trabalhar ficamos até tarde” J2	6	7
				Refeições	“jantar é convívio” J8	3	6
			Cumprimento de Tarefas		“ao sábado arrumo a casa, né?” J5	3	3
		2.2.2. Individuais (4/6)	Estar com o namorado		“namorado, não é?” J3	1	1
			Estar no quarto		“o resto do tempo eu estou no meu canto a fazer as minhas coisas” J8	1	1
			Estudar		“outras vezes eu fico a estudar, quando é necessário” J5	1	1
			Tomar conta da irmã		“fico com a minha irmã ... até a minha mãe chegar” J2	1	3

	2.3. Atividades Preferidas (6/10)	Interação Familiar (6/10)	Conversar com a Mãe		“Quando eu ela vem para o meu lado e estamos lá as duas a conversar baixinho e só isso, já me enche!” J2	1	1
		Jantar		“jantar quando o meu pai não trabalha é muito fixe conversarmos e vemos notícias e assim” J8	2	2	
		Jogar com o Pai		“ele faz-me rir no sentido de nós fazermos competições de jogar o candy crush” J4	1	1	
		Passar Tempo com Elementos Mais Novos (2/2)	Adormecer a Irmã	“Aquele bocadinho só as três a adormecer a bebé já me enche muito” J2	1	1	
			Estar com a Sobrinha	“agora com a minha sobrinha é que fico bastante alegre” J3	1	1	
		Rir com o Pai		“quando ele me faz rir, parece que o mundo ... é, parece um mar de rosas” J4	1	1	
		Saídas_Passeios		“bom porque conseguimos tar as três juntas e já que não tamos à semana, aproveitar o fim de semana” J5	2	3	
		2.4. Significados (7/14)	Aprendizagem			“vão ser importantes para o meu futuro	1

					porque tento aprender coisas novas e isto também me vai ensinar a conseguir ultrapassar problemas futuramente” J9		
		Confiança			“transmitem confiança e onde eu posso partilhar um bocado da minha vida” J6	1	1
		Convívio			“Mas ter um pai assim com quem possa passar tempo e isso e ele tá sempre presente e tudo. É muito bom” J4	2	2
		Distração			“são momentos em que estou distraída, são momentos divertidos” J4	1	1
		Diversão				1	1
		Felicidade			“só de entrar na casa, na porta, ... já me faz sentir uma felicidade enorme!” J3	1	3
		Importantes			“costumo me sentir bem ... são importantes” J1	1	1
		Lazer			“são momentos de lazer, não é? Por definição” J3	1	1
		Participação			“sei que estou a ajudar a minha mãe e que estou feliz, e não me importo de fazer	1	2

					nada” J2		
		Partilha			“posso partilhar um bocado da minha vida” J6	1	1
2.5. Perceção de Qualidade dos Momentos (7/10)		Bons			“costumam correr bem” J6	1	1
		Oscilantes			“às vezes é que não corre tão bem” J9	6	9
2.6. Desejos de Mudança (6/11)	2.6.1. Interação Familiar (3/5)	Estar com a Família Toda			“gostava que fosse diferente era que tivesse com a minha família toda” J1	1	1
		Estar com a Sobrinha a Semana Toda			“que a minha sobrinha estivesse comigo a semana toda” J3	1	1
		O Pai Não Estar Presente			“com o meu pai não, com a minha mãe porque o meu pai estraga tudo” J2	1	1
		Outras Atividades com a Mãe			“outras atividades, ... que não só o ver televisão” J3	1	2
	2.6.2. Obrigações (2/3)	Regras			“por exemplo das regras ... e das tarefas em casa porque não tenho regras nem tarefas em casa” J1	1	1
		Rotina			“mais certinho ... horas de deitar, por exemplo, coisa não tenho. Posso ficar acordada a noite inteira e ... às vezes”	2	2

					J1		
		2.6.3.Materiais	Ser Rica e Passear Fora		“que eu fosse rica e pudesse ir a todos os lados, em vez de ir ao parque e ir passar o fim de semana a Miami” J5	1	1
			Ter o Próprio Espaço		“gostava de ter o meu próprio quarto” J8	1	1
		Sem Desejos de Mudança			“nop” J6	1	1
3. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA Codifica os excertos que descrevem a relação da jovem com cada um dos elementos identificados. Inclui também desejos verbalizados de mudança na relação com os familiares e ainda percepção de necessidades da família	3.1. Caracterização da Relação Familiar	3.1.1. Sentimentos Positivos (7/30)	Acessibilidade		“tá acessível” J4	1	1
			Acolhedora		“confortável, segura e ... acolhedora” J6	1	1
			Alegria		“alegria porque estamos na maior parte das vezes alegres” J9	3	4
			Preocupação		“alguém que me dê amor e carinho, e que me dê na cabeça quando necessário” J5	1	1
			Amor		“amor porque eu sei que a minha mãe me ama e sou a pessoa que ela gosta mais e sei que ela fazia tudo por mim” J1	4	9
			Apoio		“esperava ter apoio mas não tantas visitas, tantas companhias, tanto apoio” J2	1	1

			Carinho		“tenho carinho tanto pela minha mãe como pela minha irmã” J5	1	2
			Conforto		“confortável, segura e ... acolhedora” J6	1	1
			Diversão		“momentos em que uma pessoa se sente divertida que sente que nunca mais quer acabar aqueles momentos” J2	1	1
			Felicidade		“sinto-me feliz, porque ... é a minha família ... e porque gosto de estar com eles” J6	4	5
			Generosidade		“generosidade porque mesmo que não tenha muito, dá para outro” J9	1	1
			Segurança		“eu me sinto segura com eles” J6	1	2
		3.1.2. Desafios (7/48)	Abandono		“Que apesar de terem problemas na família, nunca foram abandonadas. E nós todas aqui fomos.” J7	1	1
			Ambivalência		“triste, mas essa tristeza é parte da minha felicidade” J2	2	5
			Artificialidade		“não era, o sorriso não era aquilo que eu tava a sentir, não é?” J4	1	1

			Complicação		“a relação com a minha família é assim um bocado complicada, porque pronto, desde muito nova que tive de “ser mulher”, eu nunca fiz o papel de filha” J4	1	1
			Culpa		“culpa porque eu sei que a minha mãe se culpa a ela própria pelas coisas que me aconteceram e por vezes eu culpo a minha mãe pelas coisas que me aconteceram. Então é tipo eu culpo-a a ela e ela também se culpa um bocado a ela. E ela às vezes também me culpa a mim e então é um bocado” J1	1	3
			Desesperança		“se ela nunca se preocupou, porquê que se ia preocupar agora?” J7	4	9
			Desvalorização da Opinião		“não me importo mesmo” J8	1	1
			Dinheiro		“dinheiro porque, todos estes anos o que mais se falou em tribunal foram abonos” J8	1	2
			Discussão		“discussão ... muita violência verbal” J4	1	1

			Falta de Atenção		“falta de atenção também, por parte dela” J2	1	1
			Incerteza		“Incerta porque não há assim, mas lá tá, também é porque no próximo fim de semana eu posso não ir lá sequer” J3	3	5
			Interesse		“interesse porque eu sinto que nunca fui considerada uma filha, nem uma criança, acho que sempre fui posta como alguém que está para ajudar e não como alguém que está para ser amado nem essas coisas” J8	1	3
			Materialismo		“nunca me sinto verdadeiramente feliz por ações ou por afetos. Sinto-me feliz por coisas que eles me dão e tudo mais. Há materialismo.” J8	1	1
			Mentira		“mentira ... há coisas que eu quero acreditar, mas que são difíceis depois de tantas vezes que me enganaram” J8	1	2
			Raiva		“Temos raiva” J5	2	2
			Receio		“Receio porque tenho medo de perder a minha mãe. Tenho	1	2

					receio de, por exemplo, nós chegarmos a uma altura e não conseguirmos estar mais uma com a outra” J1		
			Rotina		“rotineira porque é sempre as mesmas coisas” J3	1	4
			Saudade		“im, é muito triste. Mas já me habituei, já estou acostumada” J2	1	1
			Tristeza		“Porque na bipolaridade já está inserida a tristeza” J5	2	3
			Não há Partilha		“se eu tiver algum problema ou isso, não é com a minha família que eu falo” J3	1	4
	3.2. Caracterização da Relação com os Membros da Família	3.2.1. Mãe	3.2.1.1. Sentimentos Positivos (5/24)	Apoio	“é minha mãe e não há melhor pessoa que nos queira melhor” J5	3	3
Carinho				“carinho tanto pela minha mãe como pela minha irmã” J5	1	1	
Compreensão				“Sinto-me mais segura e a minha confiança com eles aumenta” J9	3	3	
Confiança					2	4	
Confidencia				“Quando estou triste	2	2	

					aqui eu escrevo logo” J2		
				Partilha da Felicidade	“ó conto as coisas que tipo metem piada” J5	4	4
				Preocupação	“tenho quem se preocupe comigo” J5	1	3
				Segurança	“acho que o facto de me aconselharem, põe-me mais segura” J9	1	2
				Ser Ouvida	“faz me sentir que .. que sou uma pessoa” J2	2	2
			3.2.1.2. Desafios 5/12	Condicionamento por Doença	“com a cena da escola e tudo, eu também não tenho assim muita disponibilidade” J4	1	1
				Desconhecida	“é tipo uma pessoa desconhecida” J7	1	1
				Discussão	“muitas discussões, não sei explicar” J7	1	1
				Falta de Confiança	“eu não consigo confiar neles” J8	1	1
				Inconsistência	“Quando lhe prometo as coisas em cumpro, ela nunca cumpria” J7	2	4
				Inversão de Papéis	“devia ser ao contrário, ou a mãe que insistia na filha para falar, ou vinha	1	2

					cá resolver os problemas e perguntava se estava bem” J7		
				Não é Ouvida	“não sou ouvida” J1	1	1
				Raiva	“muita raiva, muita. Eu nunca tinha chorado pela minha mãe, só quando sai dela, e na terceira vez seguida que ela não me veio ver estourei e disse-lhe tudo” J7	1	1
		3.2.2. Pai	3.2.2.1. Sentimentos Positivos (3/14)	Apoio	“pessoa que mais me apoio quando eu tive as depressões” J1	3	3
				Compreensão	“sempre que precisar posso falar com eles” J9	1	1
				Confiança			
				Educação	“Ele fez-me crescer, fez-me aprender a defender sozinha ... a educação boa que eu tenho foi da parte do meu pai” J7	1	1
				Partilha da Felicidade	“sem dúvida, mas também tenho que às vezes levar as orelhas” J4	2	2
				Partilha da Tristeza		1	1
				Presença	“ele tá sempre presente e tudo. É muito bom” J4	1	1
				Segurança	“põe-me mais segura” J9	1	2

				Ser Ouvida	“posso falar com eles” j9	1	2
			3.2.2.2. Desafios (5/15)	Afastamento	“eu e o meu pai tamos um bocado afastados” J2	2	4
				Condicionamento	“impede de fazer as coisas, parece que trava” J2	2	4
				Deitar Abaixo	“faz-me sentir a pior pessoa do mundo” J4	1	2
				Falta de Apoio	“Perco logo a autoestima e é por isso que eu tenho faltado às aulas, é por isso que eu me tenho desmotivado, e isso porque o orgulho, a compreensão e o apoio né?” J4	1	1
				Falta de Compreensão		3	5
				Falta de Confiança		3	3
				Fria	“acho isso um bocado cruel e também acho que ele é frio” J2	1	1
				Inconsistência	“ele quando tá aqui é uma pessoa, quando tá em casa é outra” J2	2	2
				Não Ser Ouvida	“acho que não é bem ouvir ... acho que eles me ouvem por curiosidade” J8	2	2
				Revolta	“deixa-me revoltada. Porque ele faz aquilo que ele quer, mas a mim ... às vezes	1	1

					impede de fazer, não sei porquê” J2		
		3.2.3. Irmãos	3.2.3.1. Sentimentos Positivos (3/13)	Carinho	“tenho carinho tanto pela minha mãe como pela minha irmã” J5	1	1
				Elemento de Suporte	“Então tipo, a minha irmã é das únicas	2	3
				Leitura do Estado Emocional	peessoas que reconhece que tou triste. E então ela vem ter comigo” J5	1	2
				Mediação na Relação com a Mãe	“por um lado é bom que a minha irmã vai contar à minha mãe e assim já não tenho de ser eu a contar” J5	1	1
				Orgulho	“ele diz que tem um enorme orgulho naquilo que eu sou e que ... que me tornei” J7	1	2
				Partilha da Felicidade	“Quando estou feliz começo logo a dar-lhe beijinhos e agarro-a demasiado” J5	1	2
				Proteção	“vou proteger a minha irmã porque ela é minha irmã” J2	2	2
		3.2.4. Avó	3.2.4.1. Desafios (2/5)	Incompreensão	“Eu também não tenho 50 anos, não posso saber tudo na vida” J8	1	1
				Não Ser Ouvida	“nem a minha avó	2	2

					me consegue ouvir” J8		
				Traição de Confiança	“a minha mãe sei que posso contar com ela porque não sai dali. Enquanto que a minha avó sai” J2	2	2
		3.2.5. Tia e Prima	3.2.5.1. Sentimentos Positivos (1/4)	Compreensão	“sinto que me compreendem” J6	1	1
				Partilha	“faz-me sentir bem, e feliz” J6	1	2
				Ser Ouvida	“estou habituada a que elas me oiçam” J6	1	1
		3.3.1. Perceção de Necessidades e Desejos de Mudança Atuais (7/33)	Abertura		“eu queria sentar-me assim tipo com ela, falar com ela” J5	1	2
			Afeto		“eu procurava o afeto, procurava o carinho noutras pessoas” J4	1	1
			Atenção		“é um bocado difícil e custa. E às vezes gostava que ela me ouvisse mais” J1	4	5
			Bincadeira		“Tipo acho que é disso que eu preciso, de atenção de brincadeira” J2	1	1
			Carinho		“preciso do que ele nunca me deu ... carinho” J7	2	2
			Comportamento		“saber mais	2	2
	3.3. Perceção de Necessidades e Desejos de Mudança nas Relações Familiares (7/37)						

					comportar-se como com mãe e menos como uma amiga” J1		
			Compreensão		“depois ela tava sempre a gozar comigo” J5	3	5
			Confiança		“acho que deviam ter mais confiança” J8	1	1
			Estar Perto do Pai		“Não me faz bem, estar longe do meu pai, não faz, porque eu preciso dele” J7	1	1
			Experiências		“Tipo acho que é disso que eu preciso, de atenção de brincadeira” J2	2	3
			Melhor Relação entre os Pais		“que eles tentassem não descarregar a raiva que sentem em mim, de vez em quando. Ou quando tão com raiva um do outro não me fazerem como recados e isso” J9	1	2
			Não Pensar nos Problemas e Passado		“deixarmos o passado para trás” J1	2	5
			Preocupação		“eu preciso de ouvir assim “filhas, precisas de alguma coisa?” J7	1	1
			Regras		“não tenho regras nem tarefas em casa” J1	1	1

			Rotina		“gostavas que fosse ...mais certinho ... horas de deitar, por exemplo” J1	1	1
		3.3.2. Desejos de Mudanças Futuras	Não ser como o progenitor		“eu já lhe disse de caras que vou ser uma mãe muito melhor, daquilo que ela foi para mim e para os meus irmãos” J4	2	4
	3.4. Perceção de Satisfação (3/4)	Estar Longe da Mãe			“acho que me faz bem” J7	1	1
		Eu tenho tudo			“porque graças a deus eu tenho tudo, e há pessoas que não têm” J5	1	1
		Normalização			“Mas que na minha família em geral não mudava nada porque todas as famílias são diferentes, cada família tem os seus problemas” J2	2	2
	3.5. Recordações do Passado				“Isso já aconteceu mesmo com o meu irmão e tudo. Ele ia as festinhas da escola dele e ele estava lá tipo com o meu irmão e a minha mae e tudo mais e ele tava la contra a vontade	4	13

					no telemóvel e assim ... e eu não queria isso” J2				
4. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO COM MEMBROS DA FAMÍLIA	4.1. Características dos Membros com quem se identifica (8/23)	Avó (2/3)	Cusca			1	1		
			Impulsiva			1	1		
			Intransigente			1	1		
		Com ninguém (1/1)					1	1	
		Irmã (1/5)	Capacidade de Defesa				1	2	
			Gostos				1	2	
			Respondona				1	1	
		Irmão (1/1)	Brincalhão				1	1	
		Mãe (2/2)	Divertida				1	1	
			Manipuladora				1	1	
		Pai (3/9)	Imaturo				2	2	
			Impulsivo				1	3	
			Maneira de Pensar				1	1	
			Orgulhoso				1	1	
			Vingativo				1	2	
		Prima (1/2)	Elemento de Suporte				1	1	
			Idade				1	1	
		4.2. Características dos Membros	Avó	Abertura				1	1

	com quem Não se Identifica (6/17)	(1/2)	Idade			1	1
		Irmã (2/6)	Acha que tem sempre razão			1	1
			Burra			1	1
			Calma			1	1
			Estúpida			1	1
			Má pessoa			1	1
			Não ouve			1	1
		Mãe (2/7)	Comportamento			2	7
		Tio (1/2)	Autoritário			1	1
	Sério				1	1	
	4.3. Características de Outros Membros da Família (4/7)	Irmã (1/2)	Calma			1	1
			Reservada			1	1
						1	1
		Mãe (1/1)	Engraçada			1	1
		Pai (3/4)	Cruel			1	1
Divertido					1	1	
Frio					1	1	
Rancoroso				1	1		
4. JOVEM Como me vejo, as	.5.1. Características Positiva (5/8)	Brincalhona			1	1	

minhas características e Incluí as competências pessoais		Capacidade de Defesa			1	1
		Capacidade de Leitura Emocional			1	1
		Descontraída			1	1
		Gosta de ser Ouvida			3	4
	5.2. Características Desafiantes (6/27)	Cusca			1	1
		Diferente dos Outros			1	1
		Impulsiva			3	3
		Incoerente			1	1
		Incompreender			2	2
		Infantil			1	1
		Insegura			2	2
		Lidar com Depressão			1	1
		Manipuladora			1	1
		Orgulhosa			1	1
		Pessimista			1	1
		Reservada			3	9
		Respondona			1	2
		Ter sempre razão			1	1
		6. CARACTERÍSTICAS DA RELAÇÃO COM A CAR	6.1. Com Técnicos	6.1.1. Família	6.1.1.1. Características Positivas (5/15)	Amizade
Boa	3					4

Codifica os excertos que descrevem a relação da jovem com educadores, técnicos e ainda o seu envolvimento na vida da casa de acolhimento. Mas também a percepção da jovem da relação com os educadores e os técnicos com a sua família. Inclui ainda necessidades identificadas nestes domínios.				Carinho		1	1	
				Gratidão		1	1	
				Pacífica		1	2	
				Persistência		1	1	
				Preocupação		1	1	
				Proximidade		1	2	
	6.1.1.2. Características Desafiantes (5/11)				Ambivalente		1	1
					Decepção		1	1
					Desesperança		1	1
					Estúpida		1	1
					Inexistente		3	3
					Raiva		1	1
					Receio		1	1
					Ridícula		1	1
					Ódio		1	1
	6.1.1.3. Percepção de Necessidades (4/8)				Auxiliar na Relação da Jovem com Família		1	1
					Jovem Gosta da Autonomia		2	2
					Ligação Entre CAR e Jovem		1	1
					Menos Confusão		1	2

				Mudança de Comportamento		1	1	
				Segura		1	1	
				6.1.1.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança (2/2)	Não		2	2
	6.1.2. Jovem			6.1.2.1. Características Positivas (3/14)			3	14
					6.1.2.2. Características Desafiantes		6	27
					6.1.2.3. Percepção de Satisfação (1/4)		1	1
							1	2
		1	1					
	6.2. Com Educadores	6.2.1. Família		6.2.1.1. Características Positivas (6/15)	Afeto		1	1
Amizade						3	3	
Boa						5	5	

				Carinho		2	2			
				Comunicação		2	2			
				Gratidão		1	1			
				Proximidade		1	1			
			6.2.1.2. Características Negativas (4/5)			Controlo		1	2	
						Inexistente		2	2	
						Receio		1	1	
			6.2.1.3. Perceção de Satisfação (2/3)			Auxiliar na Relação da Jovem com Família		2	2	
						Ligação entre CAR e Jovem		1	1	
			6.2.1.4. Perceção de Necessidades e Desejos de Mudança (6/7)			Aproximação		2	3	
						Não		4	4	
			6.2.2. Jovem			6.2.2.1. Características Positivas (6/28)	Amor		2	3
							Apoio		5	9
	Conselhos						2	2		
	Estabilidade						1	1		
	Família						3	8		
	Ser Ouvida						3	3		
	Sinceridade						2	2		
	6.3. Da Jovem com a CAR	6.3.1. Sim				6	7			
		6.3.2. Nem em tudo				3	3			

		6.3.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança (4/6)	Não ser Envolvida			1	1
			Ouvir Opinião			3	5
			Curso a seguir			2	3
			Ementa			1	1
			Troca de Pessoal			1	1
7. ENVOLVIMENTO DA FAMÍLIA NA VIDA DA JOVEM Codifica os excertos que referem o envolvimento da família na vida da jovem, designadamente na escola, na saúde, na rede social, nas atividades promovidas pela casa de acolhimento e ainda no programa de intervenção levado a cabo pela equipa da casa de acolhimento	7.1. Amigos_Rede Social	7.1.1. Familiares Conhecem (6/8)	Avós			1	1
			Irmã			1	1
			Mãe			4	4
			Pai			1	1
			Tia			1	1
		7.1.2. Familiares Não Conhecem (8/12)	Avós			2	2
			Mãe			5	5
			Pai			4	4
			Tia			1	1
		7.1.3. Familiares Têm Influência (2/3)	Pai			2	3
		7.1.4. Familiares Não Têm Influência (7/12)	Avós			2	2
			Irmã			1	1
			Mãe			5	6
			Pai			2	2
Tia				1	1		

		7.1.6. Percepção de Satisfação				3	4
		7.1.7. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança (1/2)	Aviso			1	1
			Conhecer			1	1
	7.2. Participação no Projeto de Intervenção	7.2.1. Há Envolvimento				7	8
		7.2.2. Não Há Envolvimento				3	4
		7.2.3. Percepção de Satisfação (3/5)	Apoio			1	2
			Auxílio na Relação			1	1
			Terapia_Reunião Familiar			1	2
		7.2.4. Percepção de Necessidades de Intervenção Junto da Família (9/34)	Comunicação			4	8
			Confiança			1	3
			Controlo e Expressão Emocional			2	2
			Empoderamento			1	1
			Fortalecimento de Relação			3	5
			Na Compreensão dos Comportamentos da Jovem			1	1
			Nada			7	13
		Participação			1	1	
	7.3. Escola	7.3.1. Há Envolvimento (6/10)	Através da CAR			4	4
			Através da Escola			1	1
			Através da Jovem			4	5
		7.3.2. Não Há Envolvimento	Em Reuniões			5	7

		(5/7)						
		7.3.3. Percepção De Satisfação (3/3)	CAR Responsável			1	1	
			Jovem não quer			2	2	
		7.3.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança (1/3)	Participação			1	3	
	7.4. Saúde	7.4.1. Há Envolvimento (3/7)	Acompanhamento a Consultas			3	4	
			Através da CAR			1	1	
			Através da Jovem			1	2	
		7.4.2. Não Há Envolvimento (4/4)	A Jovem Não Quer			2	2	
			A Jovem Vai Autonomamente			2	2	
		7.4.3. Percepção de Satisfação				“não ... prefiro seu eu a contar calminha” J5	4	5
	7.4.4. Percepção de Necessidades e Desejos de Mudança (1/1)	Participação			“que arranjasse uma estratégia, uma maneira de conseguir ir e conseguir estar presente nessas consultas e ... porque são coisas que relatam parte da minha vida” J2	1	1	
	7.5. Atividades da Casa de Acolhimento	7.5.1. Há Envolvimento (2/2)	Às vezes			“às vezes os meus avós ... vem nessas coisas” J6	2	2
		7.5.2. Não Há Envolvimento (6/11)	A Jovem Não Quer			“não gosto de nada disso. É horrível isso” J7	3	5
			Disponibilidade			“A minha mãe	2	2

					também como esta sempre a trabalhar não ... não dá muito jeito vir” J3		
			Os Pais Não Querem		“Eu não gostava porque ele não gosta. Eu isso não o posso obrigar” J4	2	3
	7.5.3. Atividades Propostas pela Jovem (6/10)	Atividades no Exterior (4/4)	Caminhadas_Passeios		“convidar assim pais, mães, irmãos e ir tipo o dia, sair. Cada um trazer tipo um piquenique de casa e irmos ... tipo conviver os pais todos juntos, as meninas também” J2	2	2
Piqueniques				2		2	
Celebrações			“jantares, acho que por exemplo ... às vezes festas” J1	2	2		
Jantares				2	3		
O Que Existe			“acho que o que há é uma boa ideia” J3	1	1		
	7.5.4. Perceção de Satisfação				“acho que fazem muito bem que isto é uma seca. Isto é muito chato. A minha mãe também como esta sempre a trabalhar não ... não dá muito jeito vir” J3	5	5
	7.5.5. Perceção de Necessidades e Desejos de Mudança	Envolvimento da Família			“sei lá gostava que a minha mãe tivesse mais a par das coisas que acontecem. Porque sei lá, eu às vezes tenho preocupação que a minha mãe acha que	2	2

					eu não estou bem” J5		
8. MENSAGEM					<p>“que a culpa não foi minha do que aconteceu e ainda continuo a gostar deles mesmo apesar do que disseram, continuo a estar lá para eles e que gostava que me ouvissem. Gostava que tivessem aqui para mim. E se pudesse dizer alguma coisa à minha mãe, gostava de lhe dizer que gosto imenso dela e que não a culpo, apesar de às vezes sentir isso, sei que a culpa não foi dela, que não havia mais nada que ela podia ter feito” J1</p>	9	9